

**A IDENTIDADE DO NORDESTE DO BRASIL NAS OBRAS *MORTE E VIDA SEVERINA*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E *AUTO DA COMPADECIDA* DE ARIANO SUASSUNA**

**GEANE LIMA FIDDAN**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de  
Mestre em Literatura, Língua e Cultura realizada sob a orientação científica do Professor  
Doutor Nuno Júdice

Lisboa, Fevereiro de 2010

## DECLARAÇÕES

Declaro que esta dissertação é resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato

-----

Lisboa, -----de-----de-----

Declaro que esta dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas

O (A) Orientador(a),

\_\_\_\_\_

Lisboa, -----de-----de-----

## DEDICATÓRIA

À memória dos meus familiares, Francisca Pereira, Luisa Lima, Rômulo Vinícius.

Ao meu pai Luis Gomes e as minhas novas esperanças: Giovanna Raila, Gabriel Vinícius, Luis Heron e Diana Luisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Doutor Nuno Júdice, pela atenção, pela orientação, pelo incentivo, pelo apoio moral e material, pela disponibilidade dispensada.

Ao Professor Doutor. Ademir Martins da Rosa, pelo serviço prestado, pela disponibilidade, atenção e amizade.

A Fapema - Fundação de Amparo a Pesquisa do Maranhão, pelo incentivo, expresso a minha gratidão.

Ao Professor Doutor Fernando Cristóvão, pelos bons encaminhamentos e apóio material.

Ao Dr. Carlos Afonso, pelo encorajamento, amizade e todo o apoio prestado.

Ao Professor Doutor Othon Bastos, pelo inventivo.

À Professora Doutora Mônica Cruz, pelo incentivo na realização deste trabalho.

A todos os meus professores do Departamento de Língua, Cultura e Literatura da FCSH

À FCSH, instituição que me acolheu como aluna, proporcionando-me ampliação de conhecimentos

A todos os meus colegas do mestrado pelo apoio.

Ao Ricardo pelo apoio material, gentileza.

À Senhora Secretária Maria José, do departamento de Letras da FCSH pela paciência.

Ao Irinaldo Segundo, pelo apoio moral e material.

A Loide Campos, pelo incentivo e amor.

Ao Professor Doutor Adriano Duarte, pelo incentivo, apóio moral e amizade.

À Professora Doutora Ester Marques, pelo incentivo.

Ao Professor e filólogo Doutor Antônio Martins, pelo apoio.

Ao Professor e pianista Doutor Rodrigo Fonseca, pelo apoio material

Aos meus amigos, José Teixeira, Roberta Gomes, Leonardo Pereira, Silbana, Aníbal, Martin, Fernando Carias, Solange, Pedro, Fernando Couto Santos, Nuno Figueira, Moira, Philippe Despeysses, António Teixeira, Isabel Tavares, Susana , Maria Ermezida e demais amigos.

## RESUMO

A peça-poema *Morte e vida Severina* de João Cabral de Melo Neto e *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna são objetos deste estudo. A análise a respeito dessas obras refere-se à construção da identidade cultural do nordeste do Brasil à luz da vertente literária.

Como se sabe, no panorama literário brasileiro a discussão acerca da identidade teve início com o movimento literário denominado romantismo. Essas questões foram intensificadas com o advento modernista.

Neste sentido, apresenta-se uma proposta de análise dos traços distintivos que sugerem a identidade cultural do nordeste nas supracitadas obras de João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, tornando o mister de estudar as representações dessa identidade e da identidade de si mesmo em relação às outras numa dialética constante.

Portanto, considera-se, sobretudo, os recursos lingüísticos, polifônicos, literários, relacionados às questões históricas, sociais e ideológicas.

Palavras-chave: **cultura, identidade, língua, literatura, modernidade e tradição**

## ABSTRACT

In this work we present the play-poem “Death and Life” of Severina João de Melo Neto and “The Auto Compadecida of Ariano Suassuna” as the main objects of our study. We undergone an analysis on these two invaluable works, which refers to the construction of cultural identity of Northeastern Brazil, based on the current Literature.

It is well-known in the brazilian literary scene that the discussion over issues regarding identity began with the literary movement known as Romanticism. These issues were intensified with the advent of modernism.

Thoroughly, we attempted to present a proposal for analyzing the distinctive characteristics that suggest the cultural identity of the northeast in the above mentioned works of João Cabral de Melo Neto and Ariano Suassuna, turning to a constant dialect the studying of the representations of this identity and its own identity with close relation to the others.

What is more, in this study, it is given more relevance to the linguistic resources, polyphonic resources and literary resources, relating them to historical, social and ideological issues.

**Key words: Culture, identity, lingual, literature, modernity and tradition**

## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo I- A Construção da Identidade Cultural Nordestina</b>	<b>10</b>
1 Justificação da escolha do tema	10
2 Objetivo	11
3 Problemáticas em torno das questões identitárias	11
4 Identidade cultural no panorama literário	13
5 Questões de poder	13
6 Morte e vida severina :João Cabral de Melo Neto	19
7 Auto -da -Compadecida:Ariano Suassuna	21
<b>Capítulo II Aspectos sócio-culturais, literários e lingüísticos</b>	<b>25</b>
1 Questões literárias e sócio-culturais	25
2 Caráter polifônico	30
3 Variações lingüísticas	32
<b>Capítulo III As relações das Obras Morte e Vida Severina Auto da Conmpadecida de Península Ibérica</b>	<b>37</b>
1 Os Legados	37
2. Narrativas dinâmicas	37
3. Fatos históricos e literários	38
4 O percurso das personagens	40
5 João Cabral de Melo Neto: influências	42
6 Ariana Suassuna: influências	44
7 João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna: afinidades	46
<b>Capítulo IV Relações culturais e literárias entre Brasil Portugal</b>	<b>50</b>
1 Confluências, traços identitários, intercâmbios, questões de gênero	50
2 João Cabral de Melo Neto (inter-relações, diálogos)	52
3 Ariano Suassuna em Portugal e outros países europeus	60
3.1 Questões de edições e impressões de textos	60
3.2 Outros materiais	61
4 Os personagens, a encenação e a compadecida	62
5 O teatro moderno de Ariano Suassuna	67
<b>V Considerações finais</b>	<b>60</b>
<b>VI Referências bibliograficas</b>	<b>71</b>
<b>VII Anexos</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

No âmbito das Ciências Humanas, um dos temas mais recorrentes em diversos estudos e pesquisas diz respeito à questão da *identidade*, sendo esta entendida, preliminarmente, como um elemento caracterizador, aglutinador e, portanto, simbólico de uma dada colectividade.

É oportuno observar que, apesar da prevalência de estudiosos da área de Humanas, teóricos dos mais diversos campos do saber têm--se dedicado a analisar e a problematizar os reflexos da questão da *identidade* nas suas áreas da atuação. Portanto, pode-se mesmo afirmar que houve uma mudança significativa nas perspectivas epistemológicas que orientam a análise da *identidade*, pois, se anteriormente esta possibilidade de fazer-científico estava circunscrita apenas aos limites das Ciências Humanas, de acordo com seus métodos específicos, na atualidade a questão da *identidade* espraia-se por todos os campos de conhecimento. Desse modo, é legítimo propugnar que a principal causa que engendrou esta mudança epistemológica consiste no facto de a *identidade* – as suas particularidades, construções e confrontos – estar intrinsecamente relacionada ao advento do fenómeno da globalização, que atinge de diferentes modos o homem pós-moderno, gerando crises e provocando angústias.

Acerca da Pós-modernidade, é importante esclarecer que esta expressão de cunho histórico e filosófico singulariza um contexto social e cultural globalizado, ou seja, um recorte temporal e espacial caracterizado por inter-relações, confluências, hibridações e confrontos de vários *ethos*, gerando repercussões e suscitando polémicas em torno da questão da *identidade*.

Este trabalho, além da introdução e da conclusão, está estruturado em 4 capítulos: No primeiro, justificamos a escolha do objeto do estudo e definimos o objetivo do estudo, abordamos a identidade cultural na contemporaneidade frente as implicações dos processos de globalização. Identificamos traços identitários no âmbito literário e linguístico e mencionamos os contrastes, as crises e as imagens que permeiam o nordeste do Brasil. No segundo, analisamos aspectos literários na obra cabralina, bem como elementos



socioculturais e linguísticos de *Morte e vida Severina* e *Auto da Compadecida*. No terceiro, estabelecemos uma comparação da Península Ibérica com as referidas obras e averiguamos as intertextualidades. Finalmente no último capítulo, destacamos os intercâmbios culturais entre o Brasil e Portugal, estabelecendo um caminho de leitura comparada entre as obras em questão e outras e assim, descrevemos também elementos determinantes entre tais países que possibilitam identificar marcas identitárias.

## CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NORDESTINA

### 1. Justificações da escolha do tema

São numerosos os estudos empreendidos nas mais diversas áreas de conhecimento que elegem por objeto de análise a questão da identidade. No âmbito dos estudos linguísticos e literários, contudo, percebe-se que há uma carência de pesquisas e análises mais aprofundadas e relevantes. Diante dessa lacuna, lança-se, pois a proposta de uma pesquisa comprometida com as reflexões que a questão da identidade suscita. Mais especificamente, a proposição ora apresentada consiste em perscrutar dois importantes textos literários que integram o quadro de obras consagradas da Literatura brasileira: *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, ambos insígnies escritores pernambucanos. A lente epistemológica que permitirá evidenciar de que modo a questão da identidade cultural nordestina foi retomada e (re)construída nas linhas e entrelinhas dos mencionados textos consiste na vertente literária.

Ao se lançar mão das inesgotáveis contribuições teóricas de autores renomados da literatura, da antropologia, da linguística e da história pretende-se, (re)pensar os traços distintivos que sugerem a identidade cultural nordestina. Esses traços são marcas latentes em *Morte e vida Severina* e *Auto da Compadecida*, tornando o mister de estudar as representações dessa identidade e da identidade de si mesmo e a dos outros numa relação dialética constante. Isto posto, já se justifica a pesquisa ora proposta.

Portanto, propugna-se que uma análise das representações da identidade cultural nordestina (re)construídas no âmago das obras supracitadas pode ser de grande relevância no campo teórico. Teoricamente, a pesquisa pode oferecer uma reflexão em torno dos procedimentos linguísticos e históricos que constroem a(s) identidade(s) nordestina(s) no campo literário.

## 2. Objetivo

Nesse trabalho tem-se por objetivo analisar, à luz da vertente literária, a construção da *identidade cultural* nordestina nas obras *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto e *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, relacionando tais obras a fatores históricos e ideológicos.

Em tal contexto, verificar-se-á de que modo recursos lingüísticos, como as variantes lingüísticas denominadas regionalismos, são empregados nos textos de *Morte e vida severina* e *Auto da compadecida* com o escopo de reforçar a representação da *identidade cultural* nordestina e assim também analisar o caráter polifônico presente nas supracitadas obras.

## 3. Problemáticas em torno das questões identitárias.

Na sociedade contemporânea, nota-se que as identidades se transformam e que muitos, imbuídos de sentimentos nacionalistas e regionalistas buscam lutar contra a dissolução das identidades culturais.

Stuart Hall (2001: 08) alerta-nos que o próprio conceito de identidade é complexo e inacabado. Tal teórico chama também a atenção para as mudanças que ocorrem e que estão transformando as sociedades modernas, o que constitui uma crise de identidade.

Assim, Hall questiona se não é a própria modernidade que está sendo transformada. Esse teórico ainda explica (2001: 28) que o sujeito cartesiano agora se encontra fraturado e sofre com as consequências do seu individualismo, típico do homem moderno. Isso é resultado das identidades em andamento do sujeito pós-moderno. Portanto, o processo identitário do homem na atualidade é complexo e tem uma conexão com a globalização.

Visto isoladamente, o fenômeno da globalização sugere que as sociedades tendem a unificar-se, o que provocaria, por consequência, uma anulação das diversidades e das culturas regionais. No entanto, ao se analisar a questão da globalização por outro prisma, a dinâmica social parece sinalizar um movimento contrário a essa homogeneização de *identidades*. Trata-se de

uma maneira de não ser esfacelado pela globalização. Segundo Lyra (2000: 7) o antropólogo Canclini afirma que: “os aspectos culturais globais não perdem a sua relação com o local. Devido à complexidade do mundo em que vivemos, para ele, viver-se-ia hoje a multiculturalidade ou a chamada “hibridização”.

Neste sentido, a atual fase da globalização vem provocando reações que buscam uma redescoberta das particularidades dos localismos.

De acordo com este entendimento, o processo de globalização estabeleceria uma nova relação entre as inúmeras culturas locais dispersas no mundo e uma cultura global resultante das inter-relações decorrentes dos diálogos e duelos entre essas culturas regionais, surgindo, desse modo, a noção de uma cultura *mundializada*. A esse respeito, Ortiz (1999:3). Afirma: “Uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais, ela co-habita e alimenta-se delas”.

Assim, ao mesmo tempo em que influencia padrões de comportamento, a cultura *mundializada* difunde formações ideológicas por vezes antagônicas, provocando, em consequência disso, uma valorização das tradições que distinguem uma dada colectividade e um recrudescimento de aspectos regionalistas que se manifestam e se amalgamam sob a forma de uma *identidade cultural*.

À luz do exposto, convém salientar que *identidade cultural* é uma forma de *identidade colectiva* característica de um grupo social que partilha as mesmas atitudes, manifestações, referências históricas, etc. Hall (2001: 8), por sua vez, argumenta que : “a identidade cultural é tudo aquilo que se identifica com os aspectos das nossas identidades e que nos relacionam às culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Neste sentido, a *identidade cultural*, que tem como base um passado (memória social) com um ideal colectivo projectado, representa uma construção social.

#### **4. Identidade de cultural no panorama literário**

A *identidade cultural* brasileira passou a ser discutida em diferentes perspectivas. Trabalhos no campo da Sociologia, da História, das Artes e da Literatura, por exemplo, têm buscado identificar os traços que caracterizam o povo brasileiro. Especificamente no âmbito literário, a discussão acerca da *identidade cultural* brasileira teve início com o movimento estético, ideológico-literário denominado Romantismo, visto que escritores como José de Alencar e Gonçalves Dias se empenharam em apresentar em suas obras temáticas genuinamente brasileiras, como, por exemplo, o indigenismo.

No panorama da Literatura brasileira, o advento do movimento Modernista fez intensificar a busca pelos traços da *identidade cultural* brasileira. Aqui, merecem destaque autores como Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna, Rachel de Queirós e João Cabral de Melo Neto que retrataram em seus textos prosaicos e poéticos um Brasil ainda pouco conhecido. No cerne do movimento modernista, temas como o Nordeste brasileiro, a seca e o nordestino ganharam dimensão notável dentro da Literatura nacional. No caso das obras de Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto, este propósito é particularmente significativo, principalmente, no que diz respeito às obras que são objetos desta pesquisa, “*Morte e Vida Severina e Auto da Compadecida*”. Porém, estes processos de identidades são distintos porque fulguram outros períodos como a tradição embora evidenciem também imagens modernas.

#### **5. Questões de poder**

Ao longo da história da nação brasileira, a *identidade cultural* nordestina foi construída pelas linhas de tensão de vários discursos e enunciados circulantes no meio social. Para além das determinadas características que os singularizam, relacionadas principalmente aos fatores geográficos de ordem natural e política e às inerentes particularidades dos usos linguísticos constatáveis, o Nordeste brasileiro e, conseqüentemente, o indivíduo nascido nessa região – o nordestino – foram e são distinguidos do restante da massa populacional brasileira devido aos juízos de valor,

preconceitos e estereótipos que compõem uma *memória discursiva* intimamente atrelada à *identidade cultural* nordestina.

Margareth Rago (2001: 14) acrescenta que o historiador Albuquerque Júnior aponta alguns discursos integrados na Cultura, ao expressar que:

Este historiador não apenas nos põe em contacto com as inúmeras fantasias sociais, culturais e científicas que definem o nordeste. Mostra como nos mesmos movimentos recortaram-no e designaram-no na maior parte das vezes negativamente e pejorativamente como lugar de atraso, do rural do passado persistente.

Margareth Rago, 2001: 14

Tais concepções retratam as contradições, as crises na busca de um sentido para a cultura de uma dada localidade.

Para falar de identidade e cultura do nordeste do Brasil é também preciso mencionar as relações de poder que permeiam esta região onde as diferenças são bem acentuadas. Esses aspectos têm a ver também com as condições geográficas, climáticas e factores sociais. Portanto, em relação aos elementos sociais a identidade nordestina está em crise, pois não se trata de algo fixo estável, neste sentido, a cultura (poesia popular, romance, folclore) religião, por exemplo, exprimem a identidade da referida região.

Quanto às obras populares de Ariano Suassuna (1927) e João Cabral de Melo Neto (1954) já referidas acima, é importante ressaltar que estas foram escritas, ressaltando sentimentos nacionalistas. Tais tendências já foram verificadas em muitas obras e perpassaram vários países. Os regimes totalitários do século XX, manipulavam a arte, a religião e a educação. Deste modo, estas manifestações culturais eram utilizadas para enaltecer politicamente um regime opressor, ao passo em que se transformavam em símbolos de identidade nacional.

Assim a produção cultural já foi seleccionada, no sentido de atender as necessidades do poder estabelecido que espalhavam a sua maneira, uma onda de sentimentos de identidade nacional.

No contexto literário atual, os sentimentos de identidade nacional no Brasil são analisados por historiadores e sociólogos. Por esta razão, o crítico literário, Afrânio Coutinho (2008) também apresenta o seguinte posicionamento:

(...) nesse processo de identificação nacional, de afirmação de nossa individualidade, de busca do carácter brasileiro, a literatura teve um papel primordial. E, o que ainda é mais importante a ser ressaltado, a literatura trabalhou nessa direção, consciente ou inconscientemente não importa, desde os primeiros momentos da colonização. O fator intelectual, através da literatura, esteve sempre em meio ou à testa do sentimento de independência, cedo gerado na alma brasileira. Em verdade, o “brasileiro”, como tipo nacional, apareceu conforme pensava Ortega e Gasset acerca do americano em geral, desde o instante em que o europeu, em nosso caso o português, pôs os pés na nova terra.”

Afrânio Coutinho, 2008: 86

Portanto, desde os tempos dinásticos que imagens nacionalistas já foram vistas, principalmente no que diz respeito às questões territoriais, nas quais a língua se tornou um elemento essencial. Para falarmos de nacionalismo e de nação, algo que é bastante complexo, e que tem a ver com as identidades, recorre-se a um dos maiores expoentes sobre esses assuntos. Benedict Anderson, (2005: 22) que expressa que o nacionalismo está longe de ser um assunto finalizado. Este autor também tenta definir a nação e explica que é difícil dar conceitos de nação e nacionalismo. Percebe-se que Anderson não quer simplesmente conceituar um povo, dada as complexidades de tais fenômenos que por sua vez, estão relacionados as questões identitárias como já destacamos. Entretanto, ele explica que: “ a nação é uma comunidade política imaginada e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana.” (1991: 25)

Uma nação, portanto, é limitada porque não pode exceder suas fronteiras. É soberana, porque conquistou um espaço que lhe permite firmar-se como nação.

Neste sentido, a língua é o elemento determinante da cultura de um povo e para se falar de uma nação é necessário tocar nas questões linguistas para que se perceba o quanto a língua foi inserida em tal processo.

Uma série de línguas já foram vistas como algo que contribui para o nacionalismo e assim muitas línguas antigas foram modificadas. Quanto às línguas que são consideradas de imprensa, tem uma ligação direta com a consciência nacional e são usadas para que toda a nação que fala a mesma língua possa entender. Benedict Anderson se pronuncia acerca deste assunto enquanto aspecto relacionado diretamente ao nacionalismo. (1991: 103, 104). Ele diz também que as línguas de imprensa nacionais tiveram uma importância central em termos políticos e ideológicos Assim para se falar de nacionalismo e identidade é imprescindível dizer qual a língua da nação em questão. Por outro prisma, Anderson também explica que é um erro tratar a língua como emblema nacional, bem como os costumes, etc. Neste caso, este posicionamento nos levar a refletir acerca da língua não apenas como elemento que marca a história de uma nação, mas sua relação com outros povos. Utiliza-se assim, como exemplo, a língua portuguesa que é dos portugueses, mas é também dos brasileiros, dos angolanos e de todos os países que a adotaram como língua oficial e que mesmo apresentando suas variantes e peculiaridades não deixa de ser a língua oficial dessas regiões.

Alguns países da Península Ibérica que exerceram influências no Brasil também acentuaram seus nacionalismos. Portugal, por exemplo. embora apresente alguns aspectos diferenciados, respirou esse mesmo clima, como aborda o antropólogo João Leal:

Todo o período coincidente com as décadas de 1910-1920 é um período de intenso patriotismo, que como demonstra Rui Ramos (1994)-conhece uma intensificação sem precedentes do trabalho de invenção de tradições identitárias ligadas a nação. Assiste-se à multiplicação de revistas culturais com designações e projetos nacionais. Teixeira de Pascoaes e o saudosismo impõem-se como referências centrais a cena intelectual portuguesa. São dados passos decisivos no sentido da criação de uma arte nacional. O regionalismo, encarado como um preliminar indispensável ao patriotismo, conhece um desenvolvimentos sem precedentes e a província afirma-se como uma pequena pátria, cujo amor implementa o amor à grande pátria.

João Leal, 2000: 57-58



Na esteira destas questões, João Leal (2000: 58) afirma que todo este discurso acerca da cultura popular e do nacionalismo é teoricamente insignificante. Desta forma, resume-se que as manifestações culturais nordestinas (textos populares, etc.) são marcadas por problemáticas semelhantes.

Entretanto, convém ressaltar que a cultura popular, neste caso o texto popular, é muito mais que uma literatura que explora o pitoresco, as formas típicas, o passado, mas aquela que apresenta elementos peculiares, distintos de outros lugares. Essas formas se caracterizam, pelas riquezas existentes e culturas (mitos, lendas, tipos, etc.) muitas vezes, herdadas por outros povo (por exemplo, ver anexo A). Nesta perspectiva, essas pérolas não podem desaparecer. Vários cientistas debruçam-se sobre essa forma tradicional de o povo manifestar e mostrar os seus valores. João Leal (2000) que se expressa acerca da cultura popular e da identidade nacional portuguesa expõe o seguinte:

A cultura popular é sempre sinônimo de ruralidade. Dela estão excluídas, por normas, as cidades e as camadas populares urbanas. Nela tem também uma presença insignificante - salvo exceções localizadas - as populações piscatórias.

João Leal, 2000: 40

João Leal ainda explica que no presente, essa cultura que já foi vista como um campo formado quase exclusivamente pela Literatura popular denominada (romanceiro, cancionero, contos, etc) ainda é vista como um testemunho do passado: um passado que deve ser reconstituído e preservado.

As imagens do passado estão presentes em *Morte e vida Severina* e *Auto da Compadecida* e aglutinadas na realidade do nordeste. Esta macro região, apesar da sua notável importância na formação cultural e no desenvolvimento económico da Nação brasileira, padece sob os frequentes desmandos políticos que a relegaram, ao longo do tempo, a uma alarmante situação de pobreza e descaso social. Ressaltem-se, ainda, as severas implicações sociais, ocasionadas pela seca que consiste numa problemática secular entre as inúmeras mazelas nacionais.

A respeito da questão da seca no Nordeste brasileiro e dos seus conflitos, é conveniente salientar que estas características de ordem geofísica já foram observadas a partir de inúmeras perspectivas, inclusive no âmbito literário. Nas obras em questão, há registros que evidenciam também tais marcas. Foucault (1995), referindo-se às diferentes formas de manifestação do poder argumenta:

O exercício do poder não é simplesmente uma relação entre parceiros individuais ou colectivos; é um modo de acção de alguns sobre outros. O que quer dizer que, certamente, que não há algo como o “poder” ou do “poder” que existiria globalmente, maciçamente ou em estado difuso, concentrado ou distribuído: só há poder exercido por “uns” sobre os “outros”, o poder existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apoia sobre estruturas permanentes.

Foucault, 1995: 38

Ainda com relação a este aspecto, percebe-se que existem distintos tipos de poder que estão inseridos em diversos meios, (organizações de cunho ético, social e religioso, etc.), desde as sociedades antigas. Nas obras de Suassuna e Melo Neto, ele se espraia concomitantemente através das atitudes dos coronéis, os donos de terra, que dominam tal região. A citação que se segue, é um extrato de um trecho de *Auto da Compadecida* onde o padre discute com o fazendeiro Antonio Moraes:

**Padre**

- Ah, é?

**Antônio Moraes**

- Os donos de terra é que perderam hoje em dia o senso de sua autoridade. Vêm-se senhores trabalhando em suas terras como qualquer foreiro. Mas comigo as coisas são como antigamente, a velha ociosidade senhorial!

Ainda, conversando com o padre, que por sua vez também representa o poder da igreja, o coronel Antônio Moraes exprime a sua autoridade com arrogância e diz:

**Antônio Moraes**

- Baixa qualidade? Padre João, veja com quem está falando. A igreja é uma coisa respeitável, como garantia da sociedade, mas tudo tem limite!

**Padre:**

Mas o que foi que eu disse?

**Antônio Moraes**

Baixa qualidade! Meu nome é Antônio Noronha de Brito Moraes e esse Noronha de Brito veio dos condes dos Arcos, ouviu?”<sup>1</sup>

A ênfase dada a realidade deste lugar por estes autores, portanto, possibilita uma compreensão maior do que o do regionalismo, dos jogos polissêmicos e construções fictícias no nordeste brasileiro onde o jogo de poder reflete os signos herdados e as relações entre poderosos e oprimidos.

## **6. Morte e Vida Severiana: João Cabral de Melo Neto**

Texto que passa pela modernidade e igualmente recorre aos recursos da tradição, possui uma carga dramática impressionante.

Segundo S. Castro (1999: 55), João Cabral de Melo Neto tende sempre a exaltação do social, algo tão relevante quanto à poética da palavra concreta que o autor insere na sua obra.

Poeta de poesia pensada, lapidada, exprime a condição humana de um povo ao publicar “*Morte e Vida Severina*”, obra mais conhecida que permanece sempre despertando interesses por ser múltipla, ambígua, embora poucos percebam essas vertentes no texto. Seguindo ainda Castro (1999)

Este texto é a transposição dramática da humanidade anti-heróica. Nele o processo narrativo servido de toda uma tradição da poesia popular do

---

<sup>1</sup> SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida* (1927:33)

Nordeste do Brasil prossegue, mas tendo ao lado a participação analítica e denunciadora do narrador.

Castro, 1999: 56

Portanto, a vertente política em Melo Neto demonstra nuances de seu espírito regionalista como se pode averiguar no referido poema onde o autor exprime uma das passagens da história de um homem que vive em condições sub-humanas e miseráveis em alguns lugares do Brasil.

No texto há a presença da morte na vida dos que habitam aquele lugar. É como se o nada, a lama, a lamúria fosse parte essencial daquele meio. Durante todo o texto o autor deixa transparecer essa realidade como se pode constatar logo no poema que a seguir apresentamos<sup>2</sup>:

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
Somos muito Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar

---

<sup>2</sup> MELO NETO. João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes* (1994-294)

terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.<sup>3</sup>

As marcas da sub-humanização constituem o lado sofrido de uma gente. Estas marcas são espécie de cancro ou de paralisia que reduz a dignidade. Este texto então proclama a pena, pois há conotações dignas de piedade, mas o que está por trás deste discurso pode ser visto por diferentes prismas, isto porque ele é passível de embates e múltiplas interpretações em distintos campos como o político, artístico, religioso dentre outros. Nele, há imagens heterogêneas oriundas de traços pitorescos, mas, além disto, este texto evidencia os alicerces de uma construção cuja realidade é, por vezes, caracterizada por desequilíbrio.

## **7. Auto da compadecida: Ariano Suassuna.**

Este texto é uma peça dramática e satírica, repleta de entretenimento e crítica às indulgências e hipocrisias da sociedade. Suassuna, também enfatiza nesta obra, as questões morais e folclóricas no âmbito nordestino. Possui outros textos importantes como o romance *d'A pedra no reino*, e *Romance Armorial popular brasileiro* publicado em 1971, entre outras relevantes produções que contribuíram para o enriquecimento do teatro.

---

<sup>3</sup> MELO NETO. João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes* (1994-294)

Ainda com relação a peça *Auto da Compadecida*, nota-se que tal autor, também se interessa pela construção do héroi em seu texto. A forma de viver e de agir desses personagens já é uma atitude típica do guerreiro, na verdade, sua trajetória está impregnada de lutas, sofrimentos e inclusive, de derrotas. Com relação a este assunto, Suely R. Pinheiro (2009) em seu artigo sobre *Auto da Compadecida* acrescenta que:

Seus tipos heróicos pertencem aos ciclos cômico, satírico e picaresco, cujos personagens são variantes do pícaro ibérico de origem popular, dos graciosos do teatro de Calderón de la Barca e de Lopes de Vega, do Sancho Panza e do Don Quijote. Tipos que se entrelaçam a outros da Literatura de Cordel<sup>4</sup>

O *Auto da compadecida*, portanto, é uma obra popular que se apoia em raízes clássicas. Nesta perspectiva, este trabalho, tem por escopo reflectir acerca do modo pelo qual o texto literário – como signo artístico e comunicativo inserido em um contexto sociocultural, histórico, estético, político e filosófico – veicula uma miríade de vozes afins e discordantes, formando uma intrincada teia de formações discursivas que enredam o sujeito historicamente situado, fazendo-o perceber, assimilar e repensar os múltiplos traços distintivos que marcam ou sugerem a identidade de si mesmo e a dos outros, em uma relação dialéctica constante.

Uma vez que ambos os textos seleccionados fazem parte daquele universo de expressão literária conhecido como literatura regionalista – que retrata, por meio da palavra artisticamente burilada, os hábitos, usos, características, falas, argúcias, dilemas e redensões de um microcosmo específico –, os temas latentes e patentes em *Morte e vida severina* e *Auto da compadecida* trazem, inequivocamente, as marcas de uma construção da *identidade cultural* do nordeste que estar em constante metamorfose.

Em *Auto da Compadecida*, nota-se que Suassuna constrói *identidades* regionais que têm sido perpetuadas. A obra apresenta, dentro da perspectiva dramática, uma leitura do aspecto social que recobre a região nordestina, sacrificada pela história de construção do país. Desse modo, tal autor,

---

<sup>4</sup> PINHEIRO, Sueli: *O Gótico na Obra Picaresca de Ariano Suassuna o tribunal Celeste de Auto da Compadecida*, primera revista electrónica de los Hispanistas de Brasil: HTTP: //www.hispanistas.com.br (10 de Janeiro de 2009)

constitui textos que chama atenção para e pela consciencialização social, uma vez que apresenta princípios discursivos que sugerem determinadas representações no seio da sociedade.

Ainda com relação a outra obra em apreço, *Morte e Vida Severina*, a temática da seca é explorada poeticamente também sob o prisma do protesto social, refletindo traços de *identidade cultural* brasileira. Pode-se constatar a existência de registos de acontecimentos simples, do quotidiano de uma parcela significativa da população nordestina. Ressalte-se, também, que João Cabral de Melo Neto estrategicamente valorizou, na textura da epopeia de Severino retirante, a habilidade rimática da linguagem do povo, mais uma característica que permite perscrutar a construção da *identidade cultural* nordestina.

Convém notar, portanto, as representações que muitas vezes são estereotipadas, conforme as expressões grifadas no fragmento abaixo de *Morte e Vida Severina*.: <sup>5</sup>

Vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida  
na mesma cabeça grande  
que a custa se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas.  
É uma cova grande  
para teu defunto *parco*,  
porém mais que no mundo  
te sentirás largo.  
É uma cova grande  
para tua carne pouca,  
mas a terra dada  
não se abre a boca

---

<sup>5</sup> MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes* (1994:29)

## **CAPÍTULO II – ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS, LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**

### **NAS OBRAS MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E AUTO DA COMPADECIDA DE ARIANO SUASSUNA**

#### **1. Questões literárias e sócio-culturais**

As obras *Morte e vida Severina* e *Auto da Compadecida* são textos literários, sócio-culturais e polifônicos que constituem as maiores obras populares do Brasil.

As estruturas destas obras são lineares e estão recheadas de aspectos referentes à vida nordestina. Os seus valores vivos, as suas ideologias, crenças, conjuntos de idéias que regem a realidade e refletem o mimetismo e idiossincrasias nacionais.

É pertinente, portanto, assimilar essas obras, sobretudo, a de Cabral como força decorrente das pressões históricas que atingiram o mundo todo.

Em 1945, iniciou-se um novo período na Literatura brasileira que muitos autores denominaram Pós-modernismo ou Neomodernismo. Segundo Massaud Moisés (1996: 287), este nome, cunhado pelo crítico Alceu Amoroso de Lima, foi atribuído à terceira fase do Modernismo. Este período é um dos mais marcantes, isto porque, a partir da década de 1940, observaram-se algumas inquietações na Literatura brasileira, reflexos de um agitado contexto social e político em que determinados eventos merecem destaque, tais como o fim da Segunda Guerra Mundial, o início da chamada Era Nuclear, o medo de novos ataques nucleares, alimentando a recém-instaurada Guerra Fria que polarizou, de um lado, os países capitalistas e, de outro, os comunistas e a queda de Getúlio Vargas. Estes movimentos repercutiram também na América Latina e em vários outros lugares do mundo.

Nesse contexto, a Literatura Brasileira também passou por profundas alterações, sobretudo na poesia. Assim, surgiu uma geração de poetas na década de 1945 que rejeitou às conquistas literárias propostas pela geração de 1922 no Brasil e que acentuava o desejo de querer as coisas postas nos antigos lugares, porém, de forma renovada.

Segundo Bosi (1994: 468), “a poética de 45, embora ainda anime escritores fiéis a uma concepção tradicional de forma, não exerce influência



decisiva na literatura de hoje”. Apesar dessas afirmações há outros autores que mencionam a geração de 45 enquanto influenciadora das gerações seguintes. Martins (2002) completa:

Boa parte das conquistas da semana de 22 não apenas irão se cristalizar, como se depurar pelo esforço estatizante da geração de 45. A partir deste esforço boa parte dos poetas que vem antes ou depois desta geração, irão encontrar-se sob as mesmas pressões estéticas e históricas.

Martins, 2002: 57

Para este autor, a geração de 60 herdou ou simplesmente modificou algumas conquistas estéticas de 45, afirmando-as, porém, de um modo diverso ao praticado até então.

Conforme o exposto, esta geração, (de 45) antecipa alguns aspectos das gerações seguintes no Brasil ao passo que propunha, entre outros princípios, a retomada das formas tradicionais do verso.

Do Pós-modernismo, são citados alguns poetas que se destacaram no Brasil: João Cabral de Melo Neto, Lêdo Ivo, Paulo Mendes, Moacir Félix de Oliveira e outros. Alguns desses poetas tomaram direções diferentes, visto que, enquanto uns seguiram a trilha de um esteticismo subjetivo, outros se dedicaram à poesia participativa, de cunho político ou social.

Quanto à filiação de João Cabral a tal geração, é algo que foi contestado por alguns críticos. Dentre eles, Rosa Maria Martelo, (2000) que rejeita a concepção daqueles que enquadram Cabral na referida geração. Ela opta por outro caminho e diz que:

Se atentarmos, por exemplo, nas dedicatórias de alguns dos livros de João Cabral, verificamos que os poetas que elas põem em evidência são de estirpe bem diferente: Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardozo, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes, Augusto Schmidt, Manuel Bandeira, Augusto de Campos...

Rosa Maria Martelo, 2000: 26

Assim, Martelo acrescenta mais informações que foram publicadas pelo Jornal das Letras em Lisboa. Segundo essas informações citadas por esta autora, o poeta que mais marcou João Cabral foi Carlos Drummond de Andrade, a quem dedica um poema. Outro dos autores mais referidos na sua “poesia crítica” ainda seguindo Martelo é o nordestino Joaquim Cardozo que,

como se sabe, foi determinante para o aprendizado poético de João Cabral. Essa autora nesse sentido, afirma ainda que:

Este tipo de referências permite-nos compreender que a obra de João Cabral se situa, relativamente à literatura brasileira, muito mais em função de um certo entendimento da escrita, cujas facetas o poeta vê confirmadas na prática deste ou daquele escritor, do que em função de um enquadramento geracional

Rosa Maria Martelo, 2000: 26

Apesar desse posicionamento, não se pode deixar de levar em consideração os aspectos presente na obra cabralina que tem a ver com os escritores da geração mencionada. A retomada do verso tradicional, a oposição às conquistas e inovações da literatura de 22 no Brasil dentre outras.

João Cabral de Melo Neto, é tido como um marco na Literatura brasileira e se destacou também pelo rigor com que lidava com a linguagem, deu voz a nova consciência acerca dos problemas do nordeste ao aderir a tradição popular da poesia nordestina. Esta militância de Melo Neto, porém, é oriunda das influências da Espanha e do clima existencial de entre guerras que retomava elementos da tradição como afirmação de suas nacionalidades. Deste modo, a realidade vivida por Melo Neto constitui material capaz de abarcar sua construção literária. Segundo Carmen Ortiz (1999), o discurso que perpassava aspectos da cultura popular na Espanha durante o período de 1939 a 1975 tinha implicações políticas e ideológicas. Ortiz afirma ter abordado este assunto após ter recorrido às fontes históricas e literárias.

Behind this interest in folklore lies the need to claim key symbols of identity or territorial, ethnic, or political unity. In this way, the valuing of folklore, its establishment as a form of scientific or academic knowledge, and, finally, its ideological use have been common phenomena in modern European nationalism and totalitarian regimes, including the communist systems of the East as well as fascism in the West<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> ORTIZ, Carmen. The Uses of Folklore by the Franco Regime The Journal of American Folklore. Autumn. 1999, <http://www.jstor.org/stable/541485> Disponível em 2 de maio de 2009.

Este assunto, portanto, foi objeto de discussões em diversas áreas históricas, antropológicas, sociais e literárias, uma vez que vários sistemas utilizavam material cultural para fazer propaganda de seus ideais.

Em Melo Neto, o material da sua produção cultural e literária em parte, foi condicionado pelos fatos históricos e sociais. Contudo, o que se observa é que essa comunicação de valores em Melo Neto é um caminho positivo e que já foi trilhado por muitos escritores que se enveredaram pelo social dentro do âmbito literário. Embora muitos críticos tenham uma opinião contrária ao dizer que toda arte é um elemento estético - literário que constitui o intrínseco de sua composição e que rejeita a obra vista com documento de uma raça, época ou sociedade.

Sabe-se que este assunto já foi objeto de debates e que na atualidade ainda gera polêmicas e discussões acerca da obra de arte em si e da obra de arte enquanto reflexo da sociedade, da história e dos aspectos éticos e políticos. Há autores que retomam essa questão e enaltecem a importância da preocupação social dentro do material estético. Jauss (2003) que está ligado à escola da Recepção juntamente com Wolfgang Iser da universidade de Konstanz expõe que:

Os primeiros esforços para devolver à literatura e a arte o carácter dialéctico da práxis histórica aparecem nas teorias literárias de Werner Krauss, Roger Garaudy e Karil Kosík. Werner Krauss que, nos seus estudos sobre a história literária da Aufklärung, reabilita a consideração das formas literárias, por estas serem o lugar de concentração máxima da influência social. K. Kosík resolve o dilema do fragmento de Marx sobre a arte antiga (como e porquê uma obra de arte, pode sobreviver ao contexto social em que nasce) fornecendo uma definição específica da arte, que dá conta da sua historicidade e estabelece uma unidade dialética.

Jauss, 2003: 45

Para Jauss, portanto, são múltiplos os autores que defendem a ideia de os aspectos históricos e sociais perpassarem a obra literária, sem a reduzir apenas ao sistema estético e de formas. Este assunto, entretanto, também foi retomado no formalismo.

No que diz respeito ao texto *Morte e vida Severina*, o carácter social desta obra faz-se presente na medida em que o autor retrata a realidade do nordeste em detrimento de uma população que respira um ar cheio de sofrimentos e abandonos. Por sua vez, a outra obra que

constitui objeto desta pesquisa, o *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna também é marcada pelas condições sócio-culturais e históricas.

Esta obra retoma o lado burlesco do nordestino, isto é, o homem que vive no Sertão, onde a desgraça e a fome o atingem. Perante a esta situação este nordestino tenta combater os obstáculos de forma cômica e por vezes, ridicularizando a própria realidade.

Em 1947, Suassuna escreveu a sua primeira peça, *Uma mulher vestida de sol*. Em 1948, escreveu a peça *Cantam as harpas de Sião*. Desde então tem publicado vários outros textos. *Auto da Compadecida* foi escrito em 1955, esta peça foi o texto que o projetou em todo o país e que já foi considerada, o texto mais popular do moderno teatro brasileiro. A autora Suely comenta acerca de alguns elementos referentes à literatura deste autor.

Ariano Suassuna, é um dos maiores representantes da forte e pura raiz popular da Arte e da Literatura nordestinas. Traz ele, em sua bagagem literária, histórias cheias de brasilidade com os folhetos e os repentes do Romanceiro.<sup>7</sup>

Percebe-se ainda que o autor conduz o leitor a um entendimento de que a grande massa populacional da região Nordeste é permanentemente vulnerável e dependente do poder que a oprime. O nordestino é apresentado, então, como um ser explorado, discriminado, mas com capacidade de manifestar o próprio grito perante as forças avassaladoras que atravessam seu caminho e que o relegam a uma condição de vida miserável. Portanto, diante desse quadro, é relevante indagar, por meio da análise das vozes discursivas que perpassam *Morte e vida severina* e *Auto da compadecida*, as formações ideológicas que configuram uma representação da *identidade cultural* nordestina

A este respeito, convém dizer que entre os discursos referentes ao homem do nordeste encontrado nas obras em questão, destaca-se o tom dominante da região, os ecos de outra cultura aglutinada a do nordestino.

---

<sup>7</sup> Este estrato foi extraído do site: [Http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/06.htm](http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/06.htm) (10 de junho de 2009)

## 2. Caráter polifônico

Nesse aspecto, o conceito de *polifonia* de M. Bakhtin apresenta-se como uma categoria teórica de relevante utilidade na investigação ora proposta, uma vez que é perceptível que todo texto é polifônico, sendo, pois, exequível a identificação de vozes que se edificam por trás das falas que constroem as narrativas. Nessa perspectiva, Bakhtin, (1997) citado por Pedrosa assegura acerca tal proporção:

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento.

Bakhtin, 1997: 21

Deste modo, pode-se considerar neste mar de vozes dentro da narrativa também o tom ressoante do narrador. Em *Auto da Compadecida e Morte e Vida Severina* são encontradas alusões não apenas referentes ao nordestino, mas ao brasileiro, então o que poderá estar atrás das vozes dos personagens são objetivos dos narradores que também constituem suas ideologias. Isto determina a margem de envolvimento dos autores na construção destes textos, ou seja, as suas visões de mundo, os seus pontos de vista, são, portanto, tais elementos que nem sempre estão explícitos nas narrativas, mas os seus valores estão embutidos em tais trabalhos. No exemplo que se segue transcrevemos o momento em que o rei do cangaço se encontra com o protagonista da referida peça de Ariano.<sup>8</sup>

**Severino:** Um momento, amarelinho, quero falar com você. (A *Chicó*). Você também não se apresse.

**João Grilo:** Homem, eu já sei qual é a conversa que você quer ter comigo. Tome logo meus duzentos e cinqüentas mil-réis e deixe eu ir-me embora. Dê os seus também, Chicó, e vamos sair daqui, que o calor está aumentando.

---

<sup>8</sup> SUASSUANA, Ariano, *Auto da Compadecida*. (1927:20)

**Severino:** Nada disso. Você agora fica e aí morrer com os outros. Está-me chamando de ladrão? Severino do Aracaju pode ser assassino, mas não mata ninguém sem motivo. Até hoje só matei pra roubar. É assim que garanto meu sustento. Mas você me chamou de ladrão e vai se arrepender.

Verifica-se que o autor insere dentro da narrativa também os seus valores, isto é, ao narrar o encontro do grande mito do nordeste com o personagem João Grilo, ele expressa as lutas dos heróis ou anti-heróis, símbolos que marcaram a história da região. Esses mesmo valores, ou seja, esses mesmos ecos são semelhantes àsquelas grandes vozes de Portugal.

Por outro lado, pode-se também indagar até que ponto o narrador, ao dar voz ao protagonista, não tentou materializar a própria voz

Seria, então, o narrador de *Auto da Compadecida* um trapaceiro, um mentiroso tal como o seu personagem principal João Grilo? Mas se este trapaceiro no fundo tem uma alma nobre e representa o nordestino e até o brasileiro que tenta sair das dificuldades de maneira cômica, então, pode-se dizer que a voz de João Grilo não corresponde apenas a voz do brasileiro, mas também a do narrador.

Com relação à obra *Morte e Vida Severina* a situação não é idêntica. O personagem Severino, é sujeito sofrido, marcado pela miséria e tragédia. Convém indagar se esse autor se identifica mesmo com esse personagem que também representa o nordestino, capaz de sobreviver apesar dos imensos entraves?

O que se pode constatar é que a voz de Severino não corresponde a voz do narrador. Severino representa o nordestino que sai do sertão, sem um tostão no bolso que procura emprego e pensa inclusive em se suicidar quando perde a esperança. O narrador por sua vez não estava diretamente inserido no ambiente rural. João Cabral pertencia a outro meio social, com muito mais poder econômico e isto faz uma diferença. Neste sentido, percebe-se que as vozes presentes no personagem Severino estão longe das do narrador. Contudo, nota-se que há implicitamente também uma identificação com o leitor mais humilde. O leitor que vivencia o meio-rural.

Assim, o nordestino presente nas tramas narrativas de João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna é mais que um sujeito envolvido por estes efeitos e questões. É também um ser fragmentado cujas palavras representam a falta de oportunidade. Trata-se de uma pessoa deslocada, complexa e desnorteada, perante as forças poderosas que foram incapazes de solucionar seus problemas tão graves.

Portanto, nas obras literárias selecionadas, a *identidade cultural* que particulariza este nordestino é construída por meio e através das vozes discursivas provenientes de diferentes espaços ideológicos que fazem do discurso um *locus* de tensões, conciliações e rupturas.

### 3. Variações lingüísticas

Ressalte-se, ainda, a importância da linguagem utilizada por João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna como representação da *identidade cultural* nordestina. Pretti (2004) informa que:

a linguagem é um componente essencial no desempenho do papel social do indivíduo, pois ao falarmos podemos refletir o tempo em que vivemos, a região em que estamos, ou de onde proviemos e nossa condição sociocultural.

Pretti, 2004:183

À luz do exposto, percebe-se que as variações lingüísticas ajudam a construir a *identidade* de um povo, uma vez que permite distinguir as variantes oriundas de uma determinada língua e de uma dada época. Nesta perspectiva, Ângela Paiva Dionísio (2001: 2), citando Marcuschi (1997) afirma que “toda língua é variada, multifacetada, heterogênea, não monolítica nem uniforme<sup>9</sup>. A este aspecto, a autora cita também Possenti que diz o seguinte ” ...a variedade lingüística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe diferença de status ou de papel entre os indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua.”<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> DIONÍSIO, Ângela Paiva (2001: 02), citando Marcuschi (1997: 02 )

<sup>10</sup> Sírío Possenti (1996: 34), citado em Ângela Paiva Dionísio 2001: 2

Na Literatura, são muitos os autores que procuram registrar vocábulos, construções inovadoras, pronúncias dos falantes de uma determinada camada social. Alguns escritores, inclusive, destacam em seus textos a linguagem coloquial, reproduzindo, assim, uma linguagem imbricada no/pelo tempo. Portanto, é possível fazer uma análise do uso lingüístico de um personagem, tendo como ponto de partida o contexto geográfico, valorizando os seus significados, a sua história, cujo cunho literário e semântico permite identificar e descrever as diversas vozes embutidas na trilha sociocultural de um meio, bem como as relações interativas entre leitor e obra, texto de ficção que tem como matéria-prima os fatos sociais de uma realidade empiricamente constatável.

Neste sentido, Marcos Bagno (ano 2007: 25) que é um dos principais representantes dos estudos variacionistas do Brasil defende a idéia de que o que faz com que uma variante receba o destaque numa sociedade é:

Única e exclusivamente o prestígio social, cultural e econômico dos falantes dessa variedade. Como escreveu o lingüista Maurizio Gnerre: "Uma língua ou uma variedade de língua vale o que valem seus falantes". Se o falante não vale nada na sociedade, se é desprestigiado em sua cultura, em sua identidade social, em suas características físicas e étnicas, é claro que também será desprestigiado em sua língua, em seu modo de falar. Em todas as histórias de criação de um modelo de língua, o que se vê é a eleição, como base para esse modelo, do modo de falar das camadas privilegiadas da população e/ou do centro de poder político.

Marcos Bagno, ano 2007: 25

Baseados nesta proposição, as obras *Auto da Compadecida* e *Morte e Vida Severina* possibilitam fazer um esboço da linguagem utilizada dos personagens. A exemplo desta vertente, cita-se palavras utilizadas no universo nordestino e acentuadas na obra *Morte e Vida Severina* onde o autor enfatiza parte da linguagem desta gente. Nesta fala as palavras ou variantes vocábulos ou expressões caracterizam a linguagem deste povo:

A mamona, a pita, as plantas de rapina (o milho, o coroá) os bangüês, bueiros de usina, casas de purgar, as maçarocas, a coveta e o leirão, as coroas da baronesa e as flores de amiga, o canário da terra, a bolacha d'água, etc. Ainda há muitas outras expressões que podem ser,



inclusive, arcaicas, mas que são retomadas no referido texto como nos exemplos abaixo onde Severino dirige-se à mulher da janela<sup>11</sup>.

- Melhor do que eu ninguém  
sabe combater, quiçá  
tanta planta de rapina,  
que tenho visto por cá
- Essas plantas de rapina são tudo o que a terra dá;  
Diga-me ainda, compadre,  
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chã  
que o vento vive a esfolar  
e de outras escalavradas  
pela seca faca solar.<sup>12</sup>

Estes vocábulos e expressões são extraídos da referida peça de Cabral e o que se constata é que a partir deste discurso, que a língua apresenta variedades que se manifestam e se desenvolvem em diferentes contextos de uso, uma dessas variantes é a língua nordestina e esta variedade lingüística é o reflexo da variedade social e realidade cultural.

Quanto ao texto de Suassuna, este destaca-se pela oralidade que aborda na medida em que constrói uma linguagem que está muito vinculada a um determinado meio sócio-cultural. Isto é percebido nos ritmos dialógicos entre os personagens, especialmente entre Chicó e João Grilo. Tal ritmo acústico é exercido quando as falas são pronunciadas como se fosse uma espécie de ritual. Na apresentação da referida peça esse elemento é destaque inclusive, na performance dos atores em cena.

A narrativa oral também é manifestada nas estórias que Chicó conta. Ele comenta sucintamente uma estória dentro da narrativa de Ariano Suassuna, enquanto articula o imaginário fértil, através de gestos, palavras e imagens.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> MELO NETO, João Cabral, *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes* (1994: 81-82)

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida* (1927: 20)

**João Grilo** - Não, mas eu me admiro é que eles correram tanto tempo juntos, sem se aparatarem. Como foi isso?

**Chico** -Não sei.só sei que foi assim.Sai tangendo os bois e de repente avistei uma cidade.Você sabe eu comecei a correr da ribeira do Taperoá, na Paraíba.Pois bem,na entrada da rua perguntei a um homem onde estava e ele me disse que era Própria, de Sergipe.

**João Grilo** - Sergipe, Chicó?

**Chicó** - Sergipe, João. Eu tinha corrido até lá no meu cavalo. Só sendo bento mesmo!

**João Grilo** -Mas Chicó, e o rio São Francisco?

**Chicó**- Só podia estar seco nesse tempo, porque não me lembro quando passei...E nesse tempo todo o cavalo ali comigo,sem reclamar nada!

Refletindo, portanto, esse trecho da obra *Auto- da. Compadecida*, nota-se que, as frases são pronunciadas de uma maneira distinta. Especialmente a estrutura *Não sei, só sei que foi assim*. Desta forma, tanto a natureza lexical quando a semântica deste enunciado pode ser facilmente identificada. O que causa diferença é a forma como foi expressa por Chicó. Tal expressão, portanto, trata-se de uma linguagem popular onde o autor a emprega na escrita, deixando assim, marcas da oralidade ou da fala espontânea e simples do personagem. Isto é um sinal de que a prosa de Ariano possui marcas lingüísticas refletidas na oralidade e que em se tratando de João Grilo e a sua maneira distinta de falar, constitui uma fala verossímil uma vez que tal personagem representa o povo de um determinado lugar.

Desta forma, o saber oral dos nordestinos é um dos destaques na obra deste autor, que, além de usar uma linguagem simples, provoca o riso através do humor utilizado, ou seja, das estripulias de João Grilo. Mostra também que esse dialogismo utilizado é uma característica da peça. São entonações, ou atos ilocutorios, (aqui quando o personagem pronuncia o enunciado)que se tornam mais evidentes no desenvolver da ações. Neste sentido, tal texto é ontologicamente oral e repleto de jogos fônicos.

Estas questões dizem respeito também à identidade desse povo, e assim, os discursos e enunciados que foram criados ao longo dos anos relacionados a essa gente desencadeiam também múltiplas verdades e estereótipos que direcionam comportamentos e atitudes.

Por fim, é conveniente salientar que o uso de algumas expressões nos textos de João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna se dá pelo fato de estas expressões consistirem em variantes ligadas à oralidade e à realidade cultural da região Nordeste. Depreende-se, dessa maneira, que a língua apresenta variedades que se manifestam e se desenvolvem em diferentes contextos de uso. Uma dessas variantes é a linguagem nordestina, que caracteriza a variedade social nas obras *Morte e vida severina* e *Auto da compadecida*.

### **CAPÍTULO III- AS RELAÇÕES DAS OBRAS MORTE E VIDA SEVERINA E AUTO DA COMPADECIDA COM A PENÍNSULA IBÉRICA**

#### **1. Os legados**

O presente capítulo propugna-se a estabelecer uma analogia das obras *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna com a Península Ibérica, evidenciando, inclusive, relações existentes entre tais obras. Ao analisar os referidos textos, verifica-se a existência de determinados elementos que são oriundos da península ibérica. Dentre estes elementos, destacam-se: religiosidade, a literatura popular, a língua, etc.

Dessa forma, torna-se importante salientar que, apesar de tais textos constituírem tramas narrativas distintas, eles têm em comum o fato de manterem ligação com a tradição cultural e literária Ibérica, bem como outros elementos que constituem essa região, revigorando suas raízes ao adentrarem as águas profundas de Portugal e da Espanha. Assim, tais autores permitem identificar a construção de figuras ou autóctones que trazem representações sobre suas respectivas realidades históricas, sociais e literárias.

#### **2. Narrativas dinâmicas**

A arte de criar e de contar histórias fascina o homem há milênios. Em diferentes culturas, o ato de narrar assinala as diversas imagens do mundo, de um povo. Desencadeia paixões e cargas simbólicas e mantém viva as culturas local, regional e universal. Na narrativa de Melo Neto e Suassuna, são perceptíveis novas e antigas nuances alegóricas que se fundem em unidades fictícias, apresentando-se de variadas e envolventes formas, compondo uma teia de extraordinária criatividade, idiosincrasias decorrentes dos contrastes, dos costumes e das crenças, com suas metáforas, linguagens e representações, até mesmo sociais, que expressam de forma singular uma notável paixão. Esse fato tem a ver também com a troca de conhecimentos adquiridos.

Nesse sentido, Melo Neto e Suassuna buscaram a partir de suas vivências construir textos e interagir com outros autores e culturas. Tais autores tornaram-se grandes leitores de Miguel de Cervantes e de outras importantes estrelas clássicas. Contemporâneos de escritores espanhóis, como Antonio Machado, Manuel Machado e Federico García Lorca, Suassuna e Melo Neto, estabeleceram intercâmbios com esses autores da Península Ibérica na medida em que enalteceram o espírito de suas respectivas regiões. Como se sabe, Garcia Lorca, Manuel e

Antonio Machado são vozes poderosas da Espanha. Lorca com o livro *Romancero Gitano* sintetiza a essência do povo espanhol. Manuel e Antonio Machado, por sua vez, passeiam pela Espanha por meio dos textos e cantam a sua pátria de uma maneira densa.

Assim, além dos poetas citados, outros autores hispânicos também enveredam por tal caminho. Dessa forma, enfatiza-se ainda que João Cabral de Melo Neto não apenas foi influenciado por autores ibéricos como, ainda, no século XX, influenciou também autores dessa mesma região. Um exemplo, encontra-se em Alexandre O'Neil, poeta português surrealista que também construiu sonetos e insistiu no estilo de versificação do poeta João Cabral.

Nessa perspectiva, Suassuna e João Cabral procuraram dialogar com o popular e com o erudito Ibérico, mantendo conexões com a região citada. Essas relações são sinais irrefutáveis de que os elementos literários utilizados por ambos estão inseridos nos discursos identitários. Esse fato tem a ver com a analogia “do si mesmo em relação ao outro”. Como afirma Todorov ao se referir a uma das questões da alteridade escrita por ele próprio.

(...) esta la acción de acercamiento em relación com el outro (um plano praxeológico): adopto los valores del outro, me identifico com él: o asimilo al outro a mí, le impongo me própria imagem; entre la sumisión al outro y la sumisión del outro hay um tercer punto que es la neutralidad, o indiferença.

Todorov Tzvetan, (1987:194)

Nesse sentido, os textos de Suassuna e João Cabral propõem uma relação dinâmica com a Península Ibérica, cuja cultura foi incorporada nas suas obras, porque há uma identificação. Essas associações são constituídas de uma forma em que são percebidas as imagens de uma cultura dentro da outra.

### **3 Fatos históricos e literários**

Acrescenta-se ainda que nesse paralelismo que se estabelece entre as obras *Morte e Vida Severina* e *Auto da Compadecida* com a cultura ibérica, é relevante mostrar que tais autores acentuam principalmente a vida social nordestina, ou seja, as características que afirmam a identidade deste povo, isto é, incluindo o modo de sentir e de pensar dessa gente. Contudo, com relação a essa proporção, Margareth Rago faz uma abordagem no prefácio do livro *A invenção do Nordeste* do historiador nordestino, Albuquerque Júnior. Segundo essa

autora, Albuquerque Júnior problematiza a produção histórica e cultural no nordeste a partir da construção de sua identidade como alteridade.

Durval pratica um novo modo de explicação histórica; inventa um outro modo de produção historiográfica, preocupado em romper com a lógica identitária e encontrar a diferença lá onde ela se aloja, decifrando suas próprias condições de possibilidade, decodificando suas regras enunciativas.

Albuquerque Junior, 1996: 15

A partir de tal prefácio, constata-se que este autor tenta aniquilar a tradição e conseqüentemente o passado do referido lugar, pois, como ainda afirma Margareth Rago (1992:15), Albuquerque Júnior expressa que as praticas discursivas existentes são da continuidade. O que se pode entender, em outras palavras, que este historiador contesta a utilização de uma cultura ligada em matizes literárias referentes à cultura tradicional e que isso impede o avanço da modernidade em tal lugar. Portanto, esse ponto de vista é oriundo de um sociólogo e não de um critico literário. Entretanto, é significativo dizer que tais obras não se limitam apenas a ressaltar o passado, uma vez que traços atuais são focalizados nessas peças, embora eles se apóiem em épocas passadas.

Nesse sentido, Suassuna e João Cabral produzem um discurso que reforça a identidade no nordeste, e tal discurso é a imagem da tradição aglutinada às expressões artísticas (cordel, contos populares e peças populares), costumes, etc., no âmbito nordestino e que se não forem expressas correm o risco de morrerem, ou serão consideradas como uma subcultura.

No que diz respeito ainda às obras em questão, é extremamente importante mencionar que as relações constituídas a partir de uma cultura do passado não minimizam totalmente a presença da modernidade. Segundo Jorge Larraín (1942: 4), “o próprio modernismo latino é subjacente ao modernismo europeu”. Assim, há muitas contradições e paradoxos acerca dessas proposições. Neste sentido, vários autores modernistas possuem em suas obras nuances da literatura tradicional; tal fator é notado em obras aglutinadas ao modernismo que ainda têm elementos tradicionais como o soneto ou aspectos referentes ao período barroco.

Dessa forma, a literatura do nordeste, em parte, abraça correntes da cultura tradicional que foram trazidas pelos ibéricos e conseqüentemente pelos árabes, uma vez que a cultura ibérica recebeu amálgamas do mundo árabe, dentre outras. Nesse aspecto, o antropólogo Darci Ribeiro (1995:280) expressa que “todo o Brasil é filho de uma sofisticação mental e que o caráter mourisco e mestiço dos povos ibéricos está impregnado na cultura dos brasileiros”.

Assim, o Brasil, que tem um povo miscigenado, tem também um nordeste cuja cultura é híbrida, uma vez que apresenta uma mistura de outras culturas na brasileira. Isso evidencia que os princípios hispânicos contribuíram com a literatura e, neste caso, com a dramaturgia brasileira também.

João Cabral de Melo Neto amplia vestígios desses elementos, e Ariano Suassuna insiste nessa conexão, adaptando as experiências do passado à realidade nordestina conforme o que autores acham pertinente em suas obras. E isso cria novos sentimentos, novas atitudes, sendo, portanto, fenômenos intertextuais que expõe as formas poéticas, dramáticas que refletem as correntes ideológicas, o contexto multicultural e semântico. Nesse sentido, tais obras são também textos híbridos na medida em que ressaltam a dicotomia, ou seja, a cultura nordestina do Brasil e a cultura ibérica. Essa junção de materiais diversos possibilitam intercâmbios dinâmicos, literariamente mais ricos.

#### **4 O percurso das personagens**

Na obra *o Auto da Compadecida*, João Grilo, personagem principal e seu companheiro Chicó, estão inseridos num meio social em que a situação de miséria, do ponto de vista econômico, é que perdura no lugar. Homem simples, sem instrução e com “ares” de malandro, o protagonista mente para ganhar a vida e engana, por meio de seus diálogos espertos, alguns personagens, como o bispo, o coronel e, até mesmo, o diabo. Nesse sentido, João Grilo lembra os personagens pícaros, uma vez que possui traços referentes aos personagens picarescos.

Fernando Cabo (1992:15) menciona autores que citam personagens picarescos como anti-heróis. Entre esses autores, Miguel de Cervantes é um dos que mais se destaca. Segundo Cabo (1992:19), Cervantes inspirou-se na miséria e no desengano da realidade da vida para escrever obras picarescas.

A picaresca espanhola, portanto, chega ao ápice com a construção de Miguel de Cervantes, autor cuja obra influenciou Suassuna e João Cabral. O primeiro, assim como Cervantes, procurou extrair de ambientes miseráveis, personagens com características pícaras. Como demonstra também Sueli Reis Pinheiro:

Ao contar a história de João Grilo e seu companheiro de trapanças e espertezas, Chicó, cheia de aventuras, para sobreviver à fome e à pobreza, Ariano Suassuna resgata a imagem do pícaro clássico, Lázaro de Tormes, cuja vida também esteve povoada do “buscarse la vida”. A partir de sua morte, a alma deste nordestino, astuto y fraudulento, se vê perdida e roga pela misericórdia da Virgem diante das apelações do Diabo, que pede a justiça divina<sup>14</sup>

Ainda com relação ao *Auto da Compadecida*, os personagens, João Grilo e seu amigo Chicó enfrentam uma realidade cruel, seus caminhos tratam de uma história repleta de aventura e sofrimento. É trágico ao mesmo tempo em que é cômico. Nessa mistura, Suassuna tenta construir a imagem típica do brasileiro, porém explicitando as influências que recebeu dos ibéricos.

João Grilo, assim, vive marginalizado pela condição humana precária, mas sempre arrumando uma maneira cômica de sair dos percalços. Portanto, a obra de Suassuna é constituída por uma sátira social acentuada pelo tradicional drama popular.

Com relação a essa afirmativa, Fernando Cabo ainda cita alguns teóricos modernos da picaresca que tecem comentários acerca das questões sociais, que o anti-herói está no cerne.

Entre las principales causas que hicieron surgir la literatura picaresca resalta la pretensión de contribuir a la reforma de las costumbres y sostiene, em consecuencia, que “la literatura picaresca es un producto de la problemática social”. Según ha indicado Joseph Pérez (1987:1), “la literatura picaresca se nos presenta así como la culminación de un proceso histórico y sociológico, que no es peculiar de España, pero que ha cobrado em España mayor gravedad que en otras partes.

Fernando Cabo, 1992: 31

Baseado nessas concepções, pode-se dizer que João Grilo tem imagens fortíssimas do picaresco, inclusive o processo social o qual está inserido tem a ver com o que muitos autores expressam acerca do personagem pícaro.

Quanto ao poema narrativo *Morte e Vida Severina*, do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, o personagem central da obra é Severino, um retirante que tenta se erguer, lutando para sair de seu ambiente trágico. Severino tem uma maneira própria de partir para a luta, uma vez que sua maneira de se mobilizar é diferenciada, pois o retirante faz o que pode para fugir da desgraça que o assola: a seca e a fome. Dessa maneira, a forma de viver e de agir desse

---

<sup>14</sup> PINHEIRO, Sueli: *O Gótico na Obra Picaresca de Ariano Suassuna o tribunal Celeste de Auto da Compadecida*, primera revista electrónica de los Hispanistas de Brasil: [HTTP: //www.hispanistas.com.br](http://www.hispanistas.com.br) (10 de Janeiro de 2009)



personagem constitui uma atitude também típica da figura do guerreiro. Nele, há um desejo de construção ou de reconstrução de sua vivência sofrida. Ressalta-se que o que está em causa nas obras de João Cabral de Melo Neto e de Ariano Suassuna são os elementos vida e morte. Temas centrais de suas obras. Vida significando a própria luta cotidiana, com seus mistérios, sofrimentos e aventuras. Morte significando o elemento determinante na história do homem, uma realidade irremediável contra a qual o homem duela.

## **5 João Cabral de Melo Neto: influências**

A obra *Morte e Vida Severina* do poeta João Cabral é um texto linear cuja técnica é a do verso tradicional dos autos medievais, com ênfase as redondilhas, a sonoridade, portanto, as formas e rimas. Esse texto é de um auto de Natal no qual tal autor descreve as vivências de Severino, um homem do agreste do Brasil que sai em busca de sobrevivência. Severino tenta chegar à capital. No seu trajeto, depara-se com as diversas facetas da morte, materializadas pela seca, pela fome e pela disputa por terras áridas.

Como se sabe, o fato de João Cabral ter residido em Sevilha, Madrid e Granada fez com que as culturas dessas regiões o influenciassem, além de ter incentivado leituras e estudos da obra cabralina na Espanha. João Cabral também tem uma obra que possui conexões com diversos tipos de arte espanhola. São diálogos com a pintura e com a arquitetura. Portanto, vários críticos já mencionaram esse assunto em livros e artigos. Como se sabe, o próprio João Cabral admitiu que se sentia absorvido pela tradição hispânica.

Alguns desses textos de João Cabral são de natureza histórica e mantêm traços típicos do período medieval, destacando-se no labor artístico da palavra literária.

A respeito das influências dessas obras na escrita cabralina, Alfredo Bosi ressalta que:

o convívio com a meseta castelhana “dos homens de pão escasso” e com a poesia ibérica medieval, a um tempo severa e picaresca, acentuou em Cabral a tendência de apertar em versos breves e numa sintaxe incisiva o horizonte da vivência nordestina.

Alfredo Bosi, 1994: 471

Portanto, a história do retirante Severino, assim como as demais citadas, é uma história de viagens, de pessoas que têm coragem de sair de suas regiões e que lutam por seus

objectivos com as armas que têm. Embora no caso de Severino, exista também um desânimo expresso em algumas atitudes do protagonista, porém isso não inviabiliza sua intenção de lutar por suas metas.

É pertinente também dizer que vozes críticas e acadêmicas atualmente vêm mencionando a obra de Cabral numa perspectiva barroca. O famoso comentário de Decio Pignatary sobre a obra do referido autor num contexto barroco espanhol tem se tornando referência. Isto porque a obra de Cabral já foi vista por outros ângulos por vários teóricos e dessa forma ressalta-se a importância do barroco artístico em alguns textos de Cabral. Maravall (1997: 34) explica que falar do barroco artístico significa falar da cultura barroca, que por sua vez está ligada aos sentimentos políticos e religiosos

Quanto a *Morte e vida severina* já se percebe a inclinação desse texto para o barroco na medida em que tal obra enfoca a construção do sujeito moderno, fragmentado, e para causas sociais tão presentes no barroco do século XVI e XVII.

Tais elementos são refletidos num contexto moderno. Nesse sentido, recorre-se ao trabalho de Lenise dos Santos Santiago que apresenta uma proposta de análise da poesia de João Cabral a partir do contexto neobarroco. Santiago, expõe que a temática barroca em Cabral dar-se-á, a partir do título da obra, do triunfo da morte, da dança macabra da peça, etc. Assim consta na tese dessa investigadora:

A partir dos efeitos estéticos do barroco, observamos que os traços antagônicos como morte e vida, rio e mar, deserto e urbanismo constituem a poesia cabralina a produção ou reprodução de signos metalingüísticos, os quais irão nos levar a produzir um trabalho com observância ao contexto barroco em consonância com o moderno, partindo da construção de imagens e adotando, sobremaneira, a verossimilhança da imagem barroca provocada pela força da linguagem poética.<sup>15</sup>

Dessa forma, esses e outros elementos citados são tentativas de mostrar os aspectos barrocos em *Morte e vida severina*, entretanto, acrescenta-se que as imagens religiosas suscitadas no texto de Cabral também revelam traços do antigo barroco espanhol. Quando se menciona imagens religiosas não se afirma aqui as questões doutrinárias ou acerca de crenças, uma vez que o texto Cabralino não enfatiza tais questões. As referidas passagens estão ligadas aos personagens e vivências deles na região nordestina: As ladainhas no caminho do retirante; A benzedeira que é uma figura importante em tal meio e que se encontra com o protagonista

---

<sup>15</sup> SANTIAGO, Lenise dos Santos. *João Cabral de Melo Neto: A estética do avesso*. Natal, RN, Brasil. <http://bdt.d.bczm.ufrn.br>. Disponível em 2 de março de 2010

Severino; A presença constante da reza, do cântico no nordeste do Brasil. Esses elementos, sutilmente, mostram a relevância do sagrado no referido lugar. O sagrado faz parte da região e por isso o povo o reverencia. Tais materiais são oriundos dos primeiros portugueses que chegaram ao Brasil. Essas referências dentro do texto de Cabral são relevantes para que se possa averiguar a identidade dos nordestinos e sua cultura que vem de outras procedentes. Isto mostra que muitas práticas, comportamentos, valores dispõem de legados distantes.

Neste sentido busca-se averiguar o material escrito acerca do barroco na obra de Cabral para observar as pegadas da identidade no nordeste do Brasil. Ademais são vários os autores espanhóis barrocos como Cervantes, por exemplo, que influenciaram Cabral. Estes autores construíram histórias de heróis num âmbito complexo, repleto de tristeza e problema sociais.

## **6 Ariano Suassuna: influências**

Na obra *o Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna é clara a influência de alguns clássicos que retomam o conservadorismo medieval. Isso é simbolizado na sua obra, até mesmo, por temas que se referem ao Inferno e ao Paraíso. Todas as pessoas/almas são obrigadas, depois de mortas, a passar por um julgamento e são condenadas, ou não, devido às atitudes tomadas em vida. Assim, é a sua peça, na qual o autor busca sinalizar, por meio dos personagens, questões acerca da moral e do amor, temas tão abordados por autores medievais cristãos, e que também interessaram autores como o português Gil Vicente que por sua vez bebeu de fontes de outros europeus

A obra *Auto da Compadecida* ressona já o humanismo do Renascimento. Mas a hierarquia e a ordem social pelas quais se regia o Renascimento ainda espelhavam a sociedade da Idade Média. Essas hierarquias eram questionadas, e esse fato era tido como uma subversão da ordem instituída. No que se refere às interações, o próprio Suassuna comenta que:

Temos aqui, ao alcance da mão, essa inesgotável fonte do romancista nordestino, um material extraordinário, intacto, que, ao mesmo tempo, nos torna fiéis ao nosso povo singular, diferente, contraditório, e nos recoloca no fecundo caminho ibérico do qual somos herdeiros.

Ariano Suassuna, 2007: 252

Então, a literatura popular do nordeste do Brasil é, afinal, oriunda de um mundo distante e vasto, cheia de alusões à erudição, apresentando múltiplas e inesperadas vertentes. Há, também, uma inovação instituída e, ao mesmo tempo, uma unificação. Portanto, a diferença é notada sobretudo na região nordestina, em que a recriação literária é rica e tem um modo próprio de recriar e reinterpretar.

Ariano construiu um auto. É um autor satírico e critica severamente a sociedade a qual pertence. Incorpora os mesmos temas criticados por Gil Vicente, que são os elementos religiosos e místicos como o bem e o mal. A linguagem é popular, o estilo épico e cômico.

No que se refere ao protagonista João Grilo, personagem do *Auto da Compadecida*, sua identidade remete, de forma sutil, à figura do Parvo, um dos personagens do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente e um dos poucos a não ser condenado às penas eternas. O Parvo chega desprovido de tudo e é simples, sem malícia e consegue, ainda assim, driblar o Diabo, e até injuriá-lo. Ao passar pela barca do Anjo, o Parvo diz ser ninguém. Por sua humildade e por seus verdadeiros valores, é conduzido ao Paraíso. João Grilo, por sua vez, é um trapaceiro que recebe a acusação de enganar e de mentir para alcançar seus objetivos. Sua astúcia e esperteza são vistas como as únicas formas que teve para conseguir se livrar da opressão em que vivia. Consegue, portanto, o perdão de Nossa Senhora e não vai para o Inferno, como queria o Diabo. Porém, o que ambos os personagens tem em comum é a simplicidade, a origem humilde.

Conforme o exposto, Suassuna consegue fazer uma síntese das tradições ibéricas numa só obra: a dos autos da era medieval e da literatura picaresca espanhola. Nesse sentido, Luisa Trias Folch afirma que o dramaturgo e poeta espanhol Pedro Calderón que também constrói peças (autos, comédias, etc.) exerce grandes influências na obra de Suassuna. Trias Folch explica que Calderón trabalha em suas peças os dogmas religiosos, o barroco espanhol e que esses elementos, Suassuna também procurou destacar em *Auto da Compadecida*.

Esta autora, cita uma entrevista feita a *Revista Vintém* no qual Ariano explica que se identifica com o barroco onde se liga o pensamento religioso a visão cômica e satírica. Com relação a esse assunto, Luisa Trias expressa ainda o seguinte

O padre José de Anchieta representa em sua pessoa e em sua obra a mais importante aportação e a maior contribuição espanhola daquela época à cultura brasileira. Sua obra, situada entre a Idade Média e o Barroco inaugura a história da literatura brasileira<sup>16</sup>

A partir deste comentário, e da influência do Calderon na obra desse autor, verifica-se que Suassuna utiliza parte desse barroco que foi introduzido no Brasil pelos primeiros catequizadores e pelo Calderón na medida em que enfatiza a tradição religiosa católica e a liga a cultura popular. Portanto, as peças de Ariano Suassuna, assim como a de João Cabral de Melo Neto resgatam e valorizam os clássicos ibéricos.

Segundo Gilberto Freire:

Essas influências literárias vindas de línguas estranhas sobre escritores que, recebendo e assimilando tais influências, não têm se desnacionalizado no essencial de suas identidades, têm ocorrido e continuam a ocorrer. É um aspecto do que se pode considerar uma expressão daquela espécie de pluralismo que as crescentes interligações entre culturas nacionais vêm favorecendo. No caso da Europa ibérica, compreende-se que vários escritores tenham escrito literariamente em mais de uma língua de expressão desse complexo cultural. Especialmente, em castelhano e em português<sup>17</sup>

Observam-se, assim, nas obras referidas, discursos que definem a identidade. E não se verifica, em tais textos, uma mera cópia, pois cada escritor citado tem um universo e estilo próprio e se relaciona com ele, embora se conectando a outros, não obstante exista autonomia, uma vez que cada autor tem a liberdade para percorrer o caminho que achar pertinente. Essas exposições, muitas vezes, são mal interpretadas. Portanto, vale a pena observar como um discurso se relaciona com outros. A esse respeito, Maingueneau (1997: 117) afirma que:

Este estudo das trocas entre campos desemboca sobre a questão da eficácia dos discursos, sobre sua aptidão em suscitar a adesão de um conjunto de sujeitos. Essa rede de emissões de um campo para outro (citações explícitas, esquemas tácitos ou captações) contribui bastante para essa eficácia: confrontando com um discurso de certo tempo um sujeito encontra elementos elaborados em outro lugar, os quais, intervindo sub-repticiamente, criam um efeito de evidência.

---

<sup>16</sup> FOLGH, Luisa Trias. *A herança ibérica no Auto da Compadecida de Ariano Suassuna*. <http://artifara.unito.it>. Disponível em 2 de janeiro de 2010

<sup>17</sup> FREYRE, Gilberto. *Um escritor brasileiro recorda seus contactos com a Espanha*. In <http://www.cultura.Brasília>. Cultura. MEC.1980.Disponível em 10 de janeiro de 2008

Nesse contexto, as obras mencionadas diversificam e enriquecem a Literatura Universal. A partir da cultura popular a literatura também vai se metamorfoseando, isto é possível porque a linguagem é o espaço por onde o sujeito pode entrar e interagir.

## **7 João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna: afinidades**

Após a leitura das obras *Morte e Vida Severina*, *Auto da Compadecida*, verifica-se aspectos idênticos nas obras dos dois escritores. Seja no tocante ao retorno aos clássicos medievais, seja na ênfase às questões sociais do nordeste do Brasil e as imagens religiosas. Essa retomada de elementos nas obras de Suassuna e João Cabral é uma recorrência à intertextualidade, a qual aponta novas formas de se relacionar no texto.

Severino, personagem do João Cabral, sai de sua terra como um peregrino. Ao longo da viagem que faz ao deixar o sertão pernambucano, depara-se com muitas barreiras, a primeira delas surge quando ele encontra dois homens, “irmãos das almas”, que carregam um defunto numa rede. Severino conversa com ambos sobre os poderosos mandantes de crimes, que vivem sem impunidade.

No episódio seguinte, o rio que o guia está seco e, para não se perder, pois não sabia de que lado o rio corria, ele segue em direção a uma cantoria e encontra com um velório. As vozes cantam excelências ao defunto, enquanto do lado de fora um homem vai parodiando as palavras dos cantadores. Exausto da viagem, Severino pensa em interrompê-la por uns instantes e procurar trabalho.

Então, dirige-se a uma mulher que se encontra numa janela e diz a ela o que sabe fazer. A mulher, porém, é uma rezadeira. O retirante chega então à Zona da Mata e assiste ao enterro de um trabalhador do eito e escuta o que os amigos dizem do morto. Por todo o trajeto, e já em Recife, ele só encontra a morte e compreende naquele momento que se enganou com o sonho da viagem: a busca de uma vida digna. Nesse momento, ele pensa em suicidar-se. Enquanto se prepara para o ato, conversa com seu José, mestre carpina, para quem uma mulher anuncia que seu filho havia nascido. Severino, então, assiste à encenação que celebra o nascimento, como se fosse um Auto de Natal. Como se pode ver e como já destacamos ao longo do texto, o autor mostra que a vertente religiosa cristã está aglutinada à vida dos nordestinos. Os cantos fúnebres, as rezas e o próprio nascimento de Jesus evidenciam os aspectos religiosos no referido meio. Essa característica é mais uma retomada dos elementos ibéricos, já que a cultura desses países, sobretudo a Espanha, tem fortes

convicções religiosas. Então a obra de João Cabral, como já reafirmado na pesquisa, é um sinal de que os princípios hispânicos estão presentes na literatura do Brasil.

Quanto a João Grilo, protagonista principal da obra de Ariano Suassuna, a sua vida é uma aventura ao lado do companheiro Chicó. João Grilo, pessoa que representa os pobres e oprimidos, é o homem que vive no sertão do Brasil, utilizando a astúcia e a imaginação como elementos para conseguir seguir sua viagem pelo universo da sobrevivência. Quanto à questão religiosa embutida na obra de Ariano, no seguinte fragmento, há a acentuação desse aspecto, em que João Grilo fala acerca da promessa que Chicó fez a Nossa Senhora e por isso terá que pagá-la.

**João Grilo:** Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

Mas, Chicó, como é que se faz uma promessa dessas?

**Chicó:** E eu sabia lá que você ia escapar, desgraça? Oh homem duro de morrer, meu Deus!

**João Grilo:** É, mas faltou quem me convencesse. Se fosse a outro santo, ainda ia ver se dava um jeito, mas você achou de prometer logo a Nossa Senhora! Quem sabe se eu não escapei por causa disso? O dinheiro fica como se fosse os honorários da advogada. Nunca pensei que essa também aceitasse pagamento!

**Chicó:** João, veja como fala!

**João Grilo:** Que é isso, Chicó, está se mascarando? Com Deus não se brinca não; mas com Nossa Senhora eu tenho coragem de tirar brincadeira!”.<sup>18</sup>

Nesse sentido, analisa-se as imagens religiosas que permeiam essas obras, sendo que em *Auto da Compadecida* esse elemento é mais forte do que em *Morte e Vida Severina*. Esses autores têm em comum, também, o fato de retratarem os elementos regionais, bem como utilizarem traços do período barroco ou maneirista em seus textos.

Os personagens de ambas as peças compartilham o mesmo desejo de viver em um mundo melhor. Ambos são repletos de fé e isso tem a ver com o sagrado, algo tão acentuando em toda América Latina e no nordeste do Brasil, onde o divino faz parte da vida das pessoas. Os referidos personagens não possuem origens importantes, não têm um passado significativo ou digno de glória, uma vez que não possuem linhagem nobre, apenas ousaram transformar suas realidades, porque andavam guiados pela vontade de sair das desgraças que os assolavam.

Ainda no tocante à passagem religiosa, essas obras apresentam uma dimensão cristã, uma intervenção que se dará à medida que as narrativas vão se desenvolvendo. Darci Ribeiro

---

<sup>18</sup> SUASSUNA. Ariano. *Auto da Compadecida* (1927.189)

argumenta que a fé caracteriza o nordestino ou homem do sertão e que estes cultos são inerentes ao mundo pastoril, com suas qualidades morais, etc. O autor explica ainda que:

Esses traços peculiares ensejaram muitas vezes o desenvolvimento de Formas anômicas de condutas que envolveram enormes multidões, criando problemas sociais da maior gravidade. Suas duas formas principais de expressão foram o cangaço e o fanatismo religioso, desencadeados ambos pelas condições de penúria que suporta o sertanejo, mas conformadas pelas singularidades do seu mundo cultural.<sup>19</sup>

Essa proposição metafísica positiva, ou não, é aspecto primordial no que concerne à vida dos personagens. Assim, no *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, o caráter religioso desde o título pode ser identificado logo no início da obra. O autor propõe um desfecho também conforme a doutrina do cristianismo.

Em João Grilo, personagem de Ariano Suassuna, há uma transformação no momento em que ele morre e encontra imagens religiosas na figura de Nossa Senhora e de Jesus Cristo. Nesses e em outros momentos das narrativas, notam-se ligações com o humanismo. Portanto, a dimensão simbólica presente em tais obras permite observar os preceitos religiosos como algo importantíssimo.

---

<sup>19</sup> RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*.p 355.



## **CAPÍTULO IV - RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**

### **1 Confluências, traços identitários, intercâmbios, questões de gênero**

É extremamente relevante destacar parte das afinidades entre Portugal e Brasil, sobretudo no âmbito literário. Neste sentido, as obras de Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto devem ser estudadas porque são consideradas como patrimônios históricos, culturais e literários.

O estudo destas obras é pertinente, pois elas também constituem um traço de união entre Brasil e Portugal. Um dos aspectos em comum entre estes países é a língua portuguesa, elemento determinante no que diz respeito às identidades de ambas as pátrias. Esta origem valoriza os conjuntos de laços culturais existentes e semelhantes. Assim, as relações entre Portugal e Brasil se fortalecem através de obras de autores de ambos os países.

É necessário adentrar o terreno da cultura para propor esta premissa, uma vez que nas referidas obras há materiais que contribuem para preservar o maior elemento cultural de um povo: a língua. Portanto, é significativa acentuar a amplitude de tais obras, pois se observa nelas o maior patrimônio cultural dos países mencionados.

As relações entre estes países vêm de longas datas, tanto que, para alguns, o Brasil seria o filho primogênito de Portugal. Porém, as relações necessitam ainda de uma integração maior e isto fomenta uma discussão no âmbito literário.

As integrações entre Brasil e Portugal resgatam a história destes povos, enaltecem as identidades mais próximas e possibilitam uma interação maior entre essas comunidades. Nas obras de Ariano Suassuna e de João Cabral de Melo Neto também se nota uma diversidade, que é – a um só tempo – uma riqueza cultural. Este fato permite averiguar como povos diversos se relacionam e se entrelaçam em um intercâmbio cultural.

Portanto, além de apresentar valor antropológico e histórico, este tema impulsiona o estabelecimento de canais próprios de cooperação que, por reivindicarem uma sociedade mais justa, constituem a dignidade dos povos.

Esta cooperação é necessária à medida que ameniza antigas divergências que se propagam até hoje.

O autor Ingrid Simson (2007: 7) discorre sobre comentários tecidos pelo poeta Ruben Dario e de como tal escritor menciona em seus ensaios os abismos que existem entre América Latina e Espanha. Com base nestes comentários, pode-se refletir acerca dos obstáculos que também ainda existem entre Brasil e Portugal, uma vez que há tensões idênticas às das relações entre Espanha e países da América Latina. Simson cita autores que fazem uma abordagem sobre essas questões e que diretamente estão aglutinados às relações culturais.

De hecho, durante siglos hubo varios discursos muy diferentes desde Europa sobre América, discursos que en su mayoría no tenían otro fin que demostrar la superioridad del viejo mundo sobre el nuevo. Antonello Gerbi, en su libro *La disputa del Nuovo Mondo: storia di una polemica - 1750-1900*, de 1995, habla sobre estos discursos dando varios ejemplos con Buffon, Corneille de Paw y Hegel, entre otros. Podemos resumir que Europa, tan ocupada con sus propios problemas y disputas, por mucho tiempo no pudo ver a América con mirada abierta y libre de prejuicio.

Simson, 2007: 7

Neste sentido, percebe-se que as relações entre América Latina e Europa estão ainda presas por velhas questões coloniais, de modo que, apesar de o tempo ter passado, muitos ainda não conseguiram se libertar das imagens negativas deixadas pelos colonizadores.

No âmbito da Literatura, diversos autores têm mantido confluências. As literaturas latino-americanas têm estado em constante interação com as literaturas ibéricas, construindo um vasto espaço cultural baseado em tradições comuns. Neste contexto, há também muitas interações entre autores europeus e brasileiros do século XX que, apesar de polêmicas questões do período colonial, ainda conseguem ultrapassar fronteiras.

É importante ressaltar que essas questões perpassam o intercâmbio entre escritores. Como evidenciam alguns teóricos, as relações literárias entre Portugal e Brasil também são marcadas por discórdias. Vários foram os autores que se digladiavam nas páginas de jornais e revistas.

O ensaísta e professor de Literatura Fernando Cristovão (2008: 34) tem ressaltado a importância das questões identitárias entre Brasil e Portugal.

Segundo este autor, no século passado alguns teóricos e historiadores tentaram amenizar essa situação. Um deles foi o pensador português Fidelino de Figueiredo e o brasileiro Sílvio Romero, que ministrou conferências extraordinárias acerca da união entre os países mencionados. Ainda segundo Cristovão (2008: 108), o escritor brasileiro Graça Aranha e o poeta português Fernando Pessoa também contribuíram nestas relações, principalmente nas relacionadas à valorização da língua portuguesa.

Com o intercâmbio entre autores, a Literatura de ambos os países pode estreitar os laços identitários que os unem. Porém, há ainda muitos outros empecilhos que impedem esta interação. Um deles é o controverso tema do preconceito. As relações entre Portugal e Brasil estão marcadas por estereótipos que ainda hoje contribuem para a marginalização cultural dos seus povos. Este fato pode ser constatado ao se averiguar depoimentos veiculados na Internet e produzidos por brasileiros e por portugueses acerca das relações entre os povos desses países. Estes sinais evidenciam que as relações entre Brasil e Portugal são mais complexas do que se pode imaginar.

Outro obstáculo a ser notado é a burocracia, que tem se tornado uma barreira entre as culturas e elevado o preço dos livros, tanto dos que saem do Brasil para serem vendidos em Portugal quanto dos que saem de Portugal para serem comercializados no Brasil. Isto é ruim para todos: livreiros, editoras, entidades públicas ou privadas e leitores.

Apesar dos entraves, escritores e intelectuais de ambos os países atualmente manifestam um crescente interesse na divulgação da Literatura de seus respectivos países. Esta atitude contribui para um melhor conhecimento destas culturas.

## **2 João Cabral de Melo Neto**

### **(Inter-relações, diálogos)**

Autor ligado também a questões sócio-culturais, João Cabral de Melo Neto ergueu uma obra cujos textos foram construídos sob a égide do rigor profundo, o que não o impediu de trilhar outros caminhos. Assim, a obra de

Cabral pode ser interpretada também sob a dimensão barroca ou maneirista, aglutinada à obra *Morte e vida Severina* dentre outros.

É importante notar também duas forças que perpassam a obra de João Cabral: a centrífuga, que fez com que o autor criasse uma literatura de viagens, marcada por textos progressistas e direcionados à cidade em expansão; e a forma centrípeta, que é evidenciada pelo desejo que o autor manifestou em conservar suas raízes. Essas duas forças, porém, não parecem bem resolvidas em João Cabral. A direção exterior, assim ligada à força centrífuga, refere-se aos seus poemas relacionados à cultura espanhola e a outras culturas com quais dialoga. No que tange à direção interna, a força centrípeta está voltada para textos como *Morte e vida severina*, no qual a tradição constitui um dos elementos marcantes da obra. Desse modo, a obra de João Cabral apresenta duas facetas diferenciadas, de modo que não se deve propugnar uma maior predominância de uma sobre a outra. Porém, o que mais importa é que tais forças apresentem equilíbrio e que estejam voltadas para o futuro. Ambas são significantes e tem seus valores.

João Cabral também possui textos que são marcados pelo fenômeno da intertextualidade e, neste sentido, enfatiza elementos que se assemelham à poesia de outros autores, dentre os quais merece destaque o poeta Ponge, que enfatiza, em seus escritos, a objetividade, conforme se verifica nos textos *As amoras* e *O partido das coisas*.

Nas sarças tipográficas constituídas pelo poema numa estrada que não conduz para fora das coisas nem ao espírito, certos frutos são formados por uma aglomeração de esferas que uma gota de tinta preenche.

Pretos, rosados e cáqui juntos no cacho, oferecem antes o espetáculo de uma família arrogante em suas idades diversas do que uma vivíssima tentação para a colheita.

Vista a desproporção entre as sementes e a polpa, os pássaros os apreciam pouco, tão pouca coisa no fundo lhes resta quando do bico ao ânus são por eles atravessados.<sup>20</sup>

Desde o início do texto, pode-se identificar também a metalinguagem, material relevante na obra de Cabral e, em especial, em seus poemas nos

---

<sup>20</sup> Este estrato foi extraído do site. <http://www.culturapara.art.br>. (9 de Junho 2009)

quais as coisas são ressaltadas. Benedito Nunes (1971:163), nesta perspectiva, acentua que João Cabral e Ponge formam as conexões de um mundo onde os objetos são entes verbais divisíveis, e a linguagem constitui a condição *a priori* que torna possível este modo de objetivar as coisas.

A própria clareza que seduz o poeta não é a do realismo ingênuo, que pressupõe um encontro intuitivo com o real, anterior a qualquer esforço de simbolização. É o ideal de adequação do realismo reflexivo, consciente de que o máximo de clareza que seduz o poeta a nós acessível *não está no começo da linguagem, como uma idade de ouro, e, sim, no extremo de seu esforço*. Mas vem desse mesmo ideal a experiência das tensões entre a realidade perceptiva e as significações, da diferença entre os signos nos quais as coisas se objetivam ou se constroem, e a percepção como horizonte de abertura, por onde elas aparecem e se fazem presentes. Por sob o movimento das palavras lateja sempre o movimento das coisas. O essencial ao poeta é ver e dar, como no poema intitulado *A palavra Sêda*, de Quaderna. Esses dois movimentos, jamais desligados, fazendo-se e completando-se um no outro. Nessas condições, ir da coisa à palavra ou da palavra à coisa aos percursos equivalentes no âmbito da linguagem-objeto.

Nunes, 1971: 163

Desde modo, percebe-se que Ponge é um poeta da linguagem e que propõe uma reflexão acerca da palavra e das coisas múltiplas. O autor cita, em seus textos, o universo, os meteoros, a chuva, o fogo, os moluscos, as ostras, os caracóis e ainda se embrenha pela graça da natureza, que também é parte da obra cabralina, em que as coisas e os objetos são ostentados com a mesma precisão. Nos poemas mais herméticos de João Cabral, verifica-se uma tendência à linguagem exata, ao antilirismo, bem como ao registro das coisas.

Neste sentido, vários autores portugueses, como já mencionado, também dialogaram com João Cabral. Alexandre O'Neill e Sophia de Mello Breyner Andresen ostentam as mesmas experiências com as coisas e acentuam a metalinguagem assim como João Cabral de Melo Neto.

Rosa Maria Martelo, em uma entrevista concedida à Editorial Revista, citou alguns pontos em comum entre autores portugueses

No ano de 1961, ou nas suas imediações (1960-1962), foram publicados livros como *Cantata*, de Carlos de Oliveira, *Planisfério e outros poemas*, de Cesariny, a recolha *Poesia I*, de Sena, *Cristo cigano* e *Livro sexto*, de Sophia, *Mar de Setembro*, de Eugénio de Andrade, alguns dos livros iniciais de Ramos Rosa e de Herberto Helder, de Ruy Belo e de Alexandre O'Neill, e

ainda a publicação colectiva *Poesia 61*. Esta breve enumeração de títulos – e de nomes que correspondem a diferentes gerações – basta para sugerir uma grande diversidade. No entanto, parece inegável que todos estes nomes reflectem modos particulares de diálogo com a tradição modernista. Estes poetas ligam-se entre si em articulações variadas e por razões que passam por escolhas como: a recusa do lirismo expressivista e a contenção do derramamento sentimental; a valorização da imagem e da metáfora; uma escrita metadiscursiva; a busca de rigor verbal aliada a uma forte consciência da emergência textual da poesia.<sup>21</sup>

Por meio desta citação, verifica-se que os autores mencionados, embora apresentem aspectos diferenciados em suas obras, também partilham traços que são semelhantes aos da obra cabralina, o que os aproxima naquilo em que eles apresentam como ruptura com a tradição ou com a continuidade dela. Cite-se, dessa forma, mais um exemplo de como alguns poetas se amalgamam quando mantêm ligações por meio de suas obras. Nos textos abaixo, de autoria de Sophia Andersen, há um controle racional, um rigor clássico embutido em uma linguagem cujo conteúdo permeia as imagens da sua terra, das pedras, dos ventos, do sol e da concretude das palavras. Sophia Andresen fala da realidade social, ainda que sutilmente, como se esta fosse constituída por sensações diante de fatos reais.

Assim, observa-se que a poesia de João Cabral apresenta elementos comuns com a poesia de Sofia Andresen.

Em um período em que o Surrealismo era um movimento artístico de considerável destaque, João Cabral adentrou o universo europeu de diferentes formas. Neste sentido, João Cabral recepcionou a proposta surrealista e permitiu que ela fizesse parte de seu universo literário. Assim, os textos, os poemas, os olhos, os manequins do livro *A pedra do sono* aludem ao referido movimento. O texto a seguir de João Cabral possibilita notar uma desarticulação do real.<sup>22</sup>

A André Masson

Com peixes e cavalos sonâmbulos  
Pintas a obscura metafísica  
do limbo.

---

<sup>21</sup> Fragmento extraído do site. [http:// revista.pequenamorte.com](http://revista.pequenamorte.com).(10 de dezembro de 2009)

<sup>22</sup> Poema extraído do livro: *Poesias completas* de João Cabral de Melo Neto (1980:450)

Cavalos e peixes guerreiros  
fauna dentro da terra a nossos pés  
crianças mortas que nos seguem  
dos sonhos.

Portanto, o texto de João Cabral de Melo Neto tem algo também de abstração, porquanto apresenta elementos oriundos de um movimento que procura se libertar das exigências da lógica e da razão.

Como se sabe, João Cabral ainda se liga a vários outros escritores europeus, como Mallarmé, Valéry, Rilke, Jorge Guillen, entre outros.

Por meio de sua obra, objeto de estudo deste trabalho, pode-se estabelecer um nexos entre o texto de João Cabral e os de autores que retomaram alguns elementos pertinentes à tradição, entre eles merece destaque o poeta Rilke, que apresenta alguns pontos de ligação com a obra cabralina.

João Cabral veiculou elementos sagrados em *Morte e vida severina*, visto que seu texto traz imagens religiosas, tal como figura da rezadeira. Assim, o autor construiu um poema narrativo longo que aborda assuntos como a morte e a condição humana. Trata-se de um texto no qual o protagonista se depara com um universo marcado por problemas e tenta sair dele de alguma forma possível. Portanto, *Morte e vida severina* é um poema objetivo que, embora possua passagens melódicas – a ponto de poder ser musicado –, não se aproxima da expressão do “eu” típico dos textos líricos. Neste contexto, encontra-se muito mais relacionado ao gênero épico. Emil Staiger (1969: 57) explica que o gênero épico é objetivo, visto que o autor épico expõe o mundo exterior. O mesmo autor esclarece ainda que a objetividade do épico é imparcial e real; e que os conceitos de poesia objetiva e poesia subjetiva permanecem e enriquecem os valores semânticos.

Esta assertiva é confirmada na obra de João Cabral, visto que o autor demonstra, no texto em questão, sua preocupação com o mundo real nordestino. João Cabral, por si só, já é conhecido como poeta antilírico e determinado, como um bicho sem emoção. Sua determinação é constante e evidente em sua obra.

Quanto às experiências que são assinaladas nas elegias de Rilke, percebe-se que os temas expostos na obra cabralina são semelhantes aos dos textos do poeta francês, uma vez que são elementos perpassam o *sagrado* em um poema narrativo longo e épico que resgata materiais inerentes à tradição, tal como ocorre na obra de João Cabral.

Assim, ao se examinar a poesia de João Cabral de Melo Neto, observa-se que ela é uma arte que ainda muito tem a revelar, pois é obra de um autor multifacetado cuja produção literária encontra-se distribuída em múltiplos elementos. João Cabral foi aberto a várias tendências, embora, a rigor, não se tenha filiado a nenhuma.

De acordo com esta perspectiva, os textos de João Cabral de Melo Neto constituem pontos de partida para o trabalho com muitas outras obras. É importante ressaltar que há vários artigos críticos de caráter acadêmico acerca de seus livros, tanto no Brasil como em outras partes da Europa. Contudo, os textos mais complexos do ponto de vista da crítica são os que mais têm respeito no meio intelectual. Benedito Nunes (1971:155) deixa transparecer que, na literatura moderna, textos aglutinados à tradição popular são menos literários. Para fundamentar sua assertiva, o autor cita como exemplos os metros menores, encontrados nos romanceiros, e as quadras, que se aproximam mimeticamente da trova dos cantadores. Neste sentido, é possível observar a arte popular de João Cabral como um elemento da tradição, embora seus textos estejam permeados de elementos que também são inerentes ao tempo moderno. Nessa perspectiva, Northrop Frye expõe que:

Quase toda obra de arte do passado teve uma função social em seu tempo, uma função que amiúde não foi absolutamente uma junção estética. A concepção cabal de “obras de arte” como classificação para todas as pinturas, poemas e composições musicais, é relativamente moderna. Podemos ver um impulso estético agindo nos tecidos peruanos, nos desenhos paleolíticos, nos ornamentos eqüinos dos citas ou nas máscaras kwakiutl, mas com isso fazemos uma refinada abstração que bem pode ter estado fora dos hábitos mentais da gente que os produziu. Assim, a questão de saber se um objeto “é” ou não uma obra de arte é das que não podem ser decididas apelando-se para algo na natureza do próprio objeto. A convenção, o acordo social e a obra da crítica no sentido mais lato é que determinam o seu caráter. Pode ter sido feito originalmente para utilização e não para deleite, e assim se exclui da concepção geral



aristotélica de arte, mas se existe agora para nosso deleite, é o que nós chamamos arte.

Northrop Frye, 1957:336

É interessante lembrar que o texto popular não é objeto de estudo da maioria dos críticos atuais, ainda que tais textos estejam apoiados em teorias e períodos literários ainda vigentes na contemporaneidade. Deste modo, para muitos, o texto popular não é uma obra de arte e, por isso mesmo, agrada mais ao leitor menos acostumado com a leitura de textos complexos e de difícil compreensão. Quanto à obra *Morte e vida severina*, não restam dúvidas acerca do seu contexto cultural riquíssimo. Porém, é importante assegurar que João Cabral, nesse texto, mostrou outra faceta, outro tipo de poeta menos sofisticado, mas ainda preocupado com a qualidade daquilo que produziu. Dito de outro modo: na construção desse poema em prosa, João Cabral não estava apenas decidido a agradar as forças intelectuais, mas também a outro tipo de leitor, fato que evidencia que João Cabral, ao ter se submetido a escrever um texto que difere daqueles que já havia produzido, se preocupou com o leitor menos favorecido do ponto de vista intelectual e, em grande parte, econômico. A este respeito, é imprescindível notar que a Estética da Recepção leva em consideração a Hermenêutica e a importância do leitor na Literatura. O crítico literário Terry Eagleton esclarece que:

A teoria da recepção examina o papel do leitor na literatura e, como tal, é algo bastante novo. De forma muito sumária, poderíamos periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: uma preocupação exclusiva com o autor (romantismo e séc. XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor nos últimos anos. O leitor sempre foi o menos privilegiado desse trio – estranhamente, já que sem ele não haveria textos literários. Estes textos não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor.

Terry Eagleton, 2003: 102

Com tais afirmações, este crítico literário possibilita uma reflexão acerca destas questões no universo literário. Mas isto não quer dizer que o autor, ao se preocupar com o leitor, tenha que baixar o nível de suas produções. Note-se que o escritor poderá incutir ou despertar no leitor o

desejo de se aprofundar mais em suas leituras, sendo que o autor terá que ter um ponto de partida para que isto aconteça.

Em *Morte e vida severina*, nota-se que o autor penetra no universo regional, por vezes rural, do nordeste brasileiro e mescla esse universo com materiais ibéricos, visto que se identifica com o leitor de ambas as regiões. Por sua vez, o leitor se familiariza com o texto porque este lhe diz algo, embora nem sempre o receptor possa compreender os elementos técnicos inseridos na obra. Para compreender tais elementos, o leitor terá que descobrir os códigos. Portanto, a partir da teoria da recepção, o leitor tem de procurar ampliar seus conhecimentos para compreender as convenções literárias. Esse processo ocorre à medida que o leitor vai fazendo suas leituras. O ponto de partida é começar um texto que acrescentava algo. Esse ponto é uma porta aberta. Nesse sentido, o papel da linguagem é determinante para que se possa penetrar no *corpo* de uma obra.

*Morte e vida severina* é literatura popular e retrata um tempo. Este documento se afirma como objeto literário e cultural. Nele, encontram-se vivências de personagens em transição, que têm uma relação direta com a realidade. Assim, este poema, como já destacado, também foi construído na perspectiva de agradar múltiplos leitores, que nem sempre tiveram o privilégio de penetrar no mundo das letras mais complexas e sofisticadas. Talvez por estar atrelada à cultura de massas, essa obra se tornou uma referência e popularizou seu autor, figura idolatrada e presente na sociedade (ver anexo B). Contudo, se tal texto não contivesse elementos interessantes, não teria agradado tanto assim ao público-leitor. Esse poema se enquadra em uma das categorias fundamentais da Literatura: a tragédia. A tragédia é um gênero literário profundamente marcante ainda na atualidade. O trágico ocupa lugar de destaque em diferentes formas de arte. Assim, essa obra contém materiais característicos da tragédia nos interstícios de um novo tempo. Portanto, a dimensão trágica de *Morte e vida severina* é óbvia e indica a noção fatalista da existência, confrontada com a presença da morte.

Supõe-se também que, perante as injustiças que predominam no meio em que Severino vive, o destino desse personagem seja tão trágico quanto o destino desse lugar. Northrop Frye (1957: 211) explica que “a tragédia é uma

combinação paradoxal de uma terrível sensação de justiça (o herói tem que cair) e uma compadecida sensação de injustiça (é muito mau que ele caia)”.

Essa sensação de injustiça se materializa ao mesmo tempo em que o personagem sai à procura de uma vida melhor e só encontra miséria. Além dessa situação horrível, a impotência que Severino sente também é notada ao longo da sua caminhada, na qual o retirante se depara com as múltiplas facetas da morte.

Acerca de *Morte e vida severina*, pode-se afirmar também que este poema em prosa apresenta elementos relacionados à primeira fase da tragédia. A este respeito, Northrop Frye esclarece que:

a primeira fase da tragédia é aquela em que a personagem central recebe a maior dignidade possível, em contraste com as outras personagens, de modo que temos a perspectiva de um cervo vencido por lobos. As fontes da dignidade são a coragem e a inocência.

Northrop Frye 1957: 215

Constata-se, portanto, que Severino é um audacioso, pois tem a coragem de sair de sua vida e procurar outra melhor; percorre estradas, mesmo sabendo que poderá encontrar obstáculos no percurso para a realização de seus objetivos. Essa disposição para sair da mesmice é um dos sinais de sua luta e de seus desejos.

Portanto, a tragédia, que é uma narrativa superior e sofisticada, está ligada às grandes construções literárias universais. Com isto, João Cabral apresenta um texto feito em versos com elementos clássicos importantíssimos em um contexto moderno.

### **3. Ariano Suassuna em Portugal e em outros países europeus**

#### **3.1 Questões de edições e impressões de textos**

Parte das obras de Ariano Suassuna já foi traduzida na Europa. O livro *A pedra do reino*, que é uma obra considerada complexa e de difícil compreensão, foi traduzido para o francês pela professora Idelette Muzart, em Paris, no ano de 1998.

Na Espanha, as obras de Ariano Suassuna também já são estudadas por alguns críticos literários espanhóis. Em Lisboa, Ariano Suassuna também publicou em 1998, pela Editora Arión, o livro de ensaios *Olavo Bilac e Fernando Pessoa: uma mensagem?* – Esta obra teve o apoio da Fundação Culturasintra e da Fundação Oriente<sup>23</sup>. Por meio deste livro, Ariano Suassuna se mostrou mais uma vez encantado pela Literatura portuguesa, motivo pelo qual pode ser notada a influência de autores desta parte da Europa na produção do escritor brasileiro.

Segundo informações obtidas na Biblioteca Nacional de Lisboa, a obra *Auto da compadecida* (ver anexo C) foi pela primeira vez representada em Portugal em 19 de outubro de 1959, no cinema Tivoli, de Lisboa. A encenação foi de Benedito Corsi e Ziembinsky; e a direção-geral, de Walmor Chagas.<sup>24</sup>

Em Portugal, também foi publicada, em 1959, pela Editora Contraponto, a referida peça, que registrou apenas uma edição. Portanto, a obra teatral *Auto da compadecida*, apesar de ter sido exibida em Portugal, é ainda desconhecida do grande público português.

No estudo da referida obra, como fenômeno do teatro e da Literatura popular, interessa compreender ou contextualizar parte do conjunto das atividades que a englobam e que estão ligadas às identidades. Estas atividades são: produção, circulação, distribuição, venda e aquisição da obra na Europa, principalmente em Portugal. Este assunto diz respeito aos processos de leitura e ao fato de o texto ter despertado a atenção de muitos leitores. *Auto da compadecida*, como já mencionado, é uma peça ligada à comédia imitativa baixa, visto que apresenta um personagem central que é uma espécie de herói pouco interessante (tolo, mas socialmente atrativo). Assim, na peça, a ação é cômica e direcionada aos personagens João Grilo e Chicó.

### 3.2 Outros materiais

Em Ariano Suassuna, as imagens que o movem são inerentes à força centrípeta. Através de seus textos, nota-se de forma óbvia o ímpeto de

---

<sup>23</sup> SUASSUNA, ariano. *Olavo Bilac e Fernando pessoa: Uma presença em mensagem ?* Lisboa. Arion Publicações. 1998.

<sup>24</sup> Informações extraídas do livro *Auto da Compadecida* (1959:14) na Biblioteca Nacional de Lisboa composto e impresso na Editora Gráfica Portuguesa sob a direção da editora Contraponto. Lisboa.

preservar a tradição, o desejo de exaltar as coisas que existem em seu meio. Essa direção é interior e tem a ver com a dimensão centrípeta. Esta força está enraizada, de maneira expressiva, no âmago do autor. Esse elemento é tão marcante que Ariano Suassuna vive a enaltecer o teatro popular tradicional, bem como as técnicas e as estéticas referentes à tradição. Tais representações são símbolos de um mundo conservador. É impraticável analisar Suassuna sem levar em consideração esse universo. O torrão de Ariano é a sua região, embora as estruturas e os materiais estejam relacionados a outras regiões, embora haja alguns resquícios de elementos centrífugos em sua obra, uma vez que alguns materiais também são externos.

Portanto, a referida peça é polissêmica, assertiva e apresenta variações semânticas, o que lhe confere as configurações centrífugas e centrípetas. Esta última, como já destacado, pode ser averiguada na ênfase dada aos aspectos regionais e na linguagem, que é o principal elemento do regionalismo.

Ariano soube extrair da região nordestina parte da emoção contida, o que se percebe aglutinado à peça em questão. A matriz cômica usada pelo autor enfeitiça, a ponto de esta peça ter produzido um impacto imediato no público, sacudindo suas emoções. Essa recepção diz respeito à identificação do leitor com o material relacionado na obra.

Na multiplicidade de elementos no texto de *Auto da compadecida*, há também alegoria, que se manifesta nas passagens cômicas da obra. Nas entrelinhas de *Auto da compadecida*, o elemento cômico – que desperta a emoção e a alegria – está impregnado por marcas trágicas.

#### **4. Os personagens, a encenação e a compadecida**

Verificam-se, na figura do protagonista João Grilo, imagens semelhantes às das personagens da comédia renascentista: o bufão. Isto é notado quando João Grilo teve que passar pela arrogância do coronel, do padeiro e da sua mulher.

A esperteza de João Grilo ajuda no êxito da peça, que é um drama repleto de conflitos. Northrop Frye (1957: 168) esclarece que é difícil imaginar um drama sem conflito, e ainda mais difícil é conceber um conflito

sem inimizade. Assim, João Grilo provoca uma reviravolta, mas não transforma o ambiente social. Ademais, as peripécias de João Grilo e Chicó e as complicações que vão surgindo ao longo da peça correspondem ao desenvolvimento da encenação.

Neste texto, nota-se também a influência de Dostoievski, uma vez que o autor de *Auto da compadecida* constrói uma história que lembra, em alguns aspectos, *O idiota*, do referido autor russo. O texto de Ariano Suassuna não apresenta becos com saídas. Além disso, o herói é visto como tolo, tal como o personagem de *O Idiota*. O herói pícaro João Grilo é aplaudido pelo público, que o vê como um tolo, mas não um idiota qualquer. No texto, esse tolo leva a platéia ao delírio com suas peripécias e trapalhadas.

É pertinente ressaltar que a trama desta peça se desenvolve no sertão da Paraíba. Neste local seco, onde existe muita pobreza, os personagens João Grilo e Chicó aprontam mil peripécias. João Grilo, com sua esperteza, tenta ganhar um “dinheirinho” a mais, mentindo e trapaceando o avarento padeiro e sua mulher, o bispo hipócrita e o temido coronel. Entretanto, depois de um alvoroço que acontece na cidade com a chegada de uns cangaceiros, a maioria desses personagens morre. Do outro lado da vida, todos são submetidos a um julgamento. João Grilo tenta se salvar, apelando para a Nossa Senhora, mãe de Jesus. Ela se compadece de João e intercede a favor dele. Neste sentido, esta obra de Ariano Suassuna tem uma relação com os milagres de Nossa Senhora. Tais milagres são citados por Nogueira (1964:115-116), que afirma que um dos mais importantes milagres de Nossa Senhora é representado pelo milagre de Teófilo, que é considerado um obra-prima, ocorrido no século XIII e contado por um importantíssimo poeta da época, Rutebeuf. Esta história possui um traço dramático também muito autêntico. Acerca deste assunto, Nogueira ainda esclarece que:

o milagre de Teófilo conta a história do ecónomo dum mosteiro que foi acusado falsamente e despojado injustamente do seu cargo. Despeitado e ferido, Teófilo, o ecônomo, vende a alma ao Diabo, para recuperar a honra e a situação. O feiticeiro Saladino serve de intermediário e tentador, Teófilo hesita, o que dá lugar a observações psicológicas mais desenvolvidas do que anteriormente nas peças medievais. Mas, de repente, por ceder, durante sete anos leva uma vida de pecados, de malvadez, de orgulho, de coração duro e sem orações. Isto depois de receber justificação do engano que contra ele se cometera, pois logo

que se firma o pacto com o Diabo, a calúnia foi reconhecida e foram restituídos a Teófilo os seus cargos e honrarias, crescendo ele doravante em riquezas e posição. Mas, de repente, Teófilo tem um rebate de consciência, arrepende-se, invoca Nossa Senhora e esta, perdoadando-lhe, obriga o Diabo a devolver o contrato.

Nogueira, 1964: 115-116.

Assim, em ambos os textos, há evocações a Nossa Senhora, que perdoa os protagonistas, bem como os seus pecados e defeitos. Em *Auto da compadecida*, há a presença do Diabo, que tenta levar João Grilo para o inferno. Assim é também no drama citado por Nogueira, no qual entidades demoníacas tentavam interferir e levar os pecadores à condenação. Aos poucos, esses textos adaptados de conteúdos religiosos foram cedendo lugar a uma opulência cênica sem senso sagrado nem simbólico, mas, sim, esteticista e a serviço do prazer, como ressalta Nogueira (1964:132).

Nossa Senhora tem uma grande importância na construção do texto de Ariano Suassuna, visto que é apresentada como a mãe mediadora, aquela que gerou o filho e que sofreu imensamente com a morte dele. A sua significância é tanta no texto que, desde o próprio título da peça, o autor já faz menção a ela. A *compadecida* é mãe piedosa que se compadece do povo oprimido. O momento em que ela toma o partido do pícaro João Grilo é sinalizador da grande transformação.

Nesse drama, o *pathos* é possível e tem a ver com o arrebatamento que o protagonista João Grilo provoca, ou seja, diz respeito à sua capacidade de estar adiante, de despertar emoção. Uma dessas agitações é manifestada no momento da grande transformação, quando a *compadecida* faz uma intervenção a favor de João Grilo, o personagem patético. Assim, essa comoção que João provoca fica mais explícita quando ele recorre à Nossa Senhora, na expectativa de resolver seu problema e, desta forma, não ir para o inferno com o Diabo. Segundo Emil Staiger (1969:142), “o herói patético esforça-se por uma decisão, decide-se e vai, então, à ação. Decisão e ação são, porém, condenadas, ao menos, pelo fato de que a ação penitencia-se com o desfecho.”

Assim, João Grilo é capaz de um *pathos* que suscita paixões até em si mesmo, quando tenta sair de um problema. Desde modo, sua grandeza reside também neste aspecto. Emil Staiger (1969:146) salienta ainda que:

Quem se envolveu num problema não consegue livrar-se dele ileso. Não terá paz até o momento em que, à custa de muita reflexão, solucione-o, ou em que faça justiça com suas ações. Esse o papel do herói no drama que visa a um objetivo, geralmente um ideal último do homem.

Emil Staiger, 1969:146

Em *Auto da compadecida*, João Grilo se depara com múltiplos problemas, dos quais tenta sair à maneira como pode. Seu universo é marcado por tensões devido aos obstáculos que vão se desenvolvendo aos poucos. Este universo rural nordestino é também o mundo de Ariano Suassuna, cuja obra é repleta de relatos de costumes, hábitos, adversidades e problemas que personagens como Chicó e João Grilo enfrentam como se fossem heróis. No que tange aos gêneros, este texto é também épico e dramático.

Portanto, a obra *Auto da compadecida* pode ser enquadrada diversas categorias. Emil Staiger (1969:160) justifica que não existe uma obra puramente lírica, épica ou dramática. Isto evidencia que elementos presentes desde o início do teatro estão também aglutinados na obra moderna de Ariano Suassuna.

*Auto da compadecida* está inserida no plano ficcional com raízes fincadas na realidade, embora o propósito do autor seja também divertir e propicia prazer. Contudo, o próprio Ariano Suassuna explicita, em suas entrevistas, preocupações com a sua gente, com o povo de sua região, de tal maneira que essa preocupação é refletida em parte de suas obras. Pela linguagem e pelo ritmo sonoro, já se percebe um pouco desse engajamento. Em entrevista à revista *Língua Portuguesa*, Ariano Suassuna discorre acerca da língua e de como ele a utiliza em suas obras:

Quando era jovem, muita gente me dizia que o português não era língua forte, ao contrário do inglês. Eu precisava muito da musicalidade da língua, até porque queria escrever teatro. Precisava de uma língua com ritmo e plástica musical porque o teatro precisa disso. Acontece que comecei a ler escritores estrangeiros. O meu inglês é fraco: dá para a revista *Times*, mas Shakespeare, não. Então, li em inglês *Otelo* com a ajuda de cópia traduzida. Em dado momento, Otelo, cheio de cólera, diz: “Blood, blood, blood”.



Quando olhei a tradução, “Sangue, sangue, sangue”, eu disse: é, o português é mais fraco. Mas, veja, era um erro meu de interpretação. O original tinha sido escrito por um grande poeta. Se fosse brasileiro, não poria “sangue”, mas uma palavra que tivesse a mesma força que senti com o inglês dele. Fiquei na dúvida até ler Vieira: Sermão da Quarta-feira de Cinzas (1670). Ali percebi o português como grande língua. Eu até poderia ser mau dramaturgo, porque era ruim mesmo, mas não por causa da língua... Pode se traduzir Padre Vieira para o inglês, mas o que vai sair é muito mais fraco. Aí, vi que a língua portuguesa era fortíssima. De musicalidade e teatralidade que estão à disposição, mas é preciso ser tão bom quanto Vieira.<sup>25</sup>

Com este depoimento, Ariano Suassuna demonstra seu imenso respeito pela língua portuguesa e pela riqueza que existe nela. Isto tem a ver também com a questão identitária. Ariano já foi mencionado a respeito deste assunto, especificamente no que tange aos conceitos de nação e de tradição. Porém, o aspecto relacionado à linguagem é o mais forte desta questão. Nesse sentido, Ariano parte em defesa da língua, que é também a língua dos portugueses, dos cabo-verdianos, dos angolanos e de todos que falam português. Ainda na mencionada revista, o autor discorre sobre a linguagem regional, com foco nos que imitam a linguagem do povo, mas de uma forma equivocada e preconceituosa. Este assunto se refere, em parte, aos aspectos particulares da região, que muitas vezes ainda está impregnada por marcas e crenças que reportam à ocupação portuguesa. Assim, muitas vezes, o modo de falar ainda é arcaico e o estilo de vida, principalmente cultural, ainda está em processo de desenvolvimento. Nessa perspectiva, o recente estudo do professor Manuel Diegues Júnior aborda a formação cultural do Brasil. Acerca da região nordeste do país, o estudioso explica que a diversidade cultural e os aspectos peculiares da linguagem, assim como as características sociais e o clima, são responsáveis por alguns hábitos e modificações das pessoas. Surgiu daí o estudo denominado regionalista. Segundo este autor, as diversidades e particularidades não são ainda suficientemente reconhecidas e, por outro lado, já se perderam alguns elementos que existiam. Para este teórico (1960:480), o

---

<sup>25</sup> Revista de língua portuguesa. *Um autor sem medo de adjetivos*. Editora. segmento.ano II .número 21.página 17 .2007.

processo social que permeia os hábitos deste povo é oriundo da ocupação dos portugueses e das incursões indígenas e africanas. Mas este processo social é modificado à medida que a educação avança, ainda que seja com passos lentos.

Ainda com relação à caracterização das regiões culturais, as peculiaridades deste local não anulam a unidade nacional, como afirma Manuel Diegues Júnior:

De modo que o Brasil, como cultura nacional, é também parte de uma cultura maior, transnacional, conservando peculiaridades ou características que o distinguem das outras partes desse conjunto, como também complexos ou elementos comuns que asseguram a unidade do todo de origem portuguesa.

Manuel Diegues Júnior (1960:2):

Ademais, como já foi ressaltado, Ariano Suassuna abraça diferentes gêneros. No que diz respeito à tragédia, esta categoria é notada também quando se observa a condição humana a que todos os personagens da peça estão submetidos. Eles passam pelas vicissitudes e estradas da sorte e da morte. Por outro lado, nessa mixagem de gêneros e ambigüidades, a sátira está também presente, principalmente no texto em questão. Frye (1957:220) ressalta que “a sátira requer pelo menos uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconheça como grotesco, e pelo menos um padrão moral implícito, sendo este último essencial, numa atitude combativa para a experiência”.

Neste aspecto, um dos tons satíricos da peça tem a função de moralizar a sociedade, uma sociedade hipócrita, com representantes corruptos. Outro elemento que se enquadra na sátira desse autor é a comicidade que existe em *Auto da compadecida*, peça baseada no lado absurdo da sociedade.

## **5. O teatro moderno de Ariano Suassuna**

O aspecto moderno do teatro produzido por Ariano Suassuna está apoiado no drama litúrgico, ou seja, na religião. Como se sabe, o ato religioso foi que originou o teatro. Isto porque, nos matizes religiosos mais primitivos, o homem já praticava expressões lúdicas, mímicas, magias e símbolos em louvor àquilo que era considerado sagrado. Segundo Goulart Nogueira (1964:14), com a intensificação deste tipo de espetáculos é que surgiu o teatro. Portanto, a religião – que contém ainda em si material que foi ponto de partida para a representação – se transformou, ao longo dos anos, em elemento teatral e em arte dramática.

O público de Ariano Suassuna, ao assistir suas peças teatrais, está imbuído pelo desejo de se divertir. Contudo, entre os elementos já mencionados, suas peças apresentam um caráter didático, típica do teatro tradicional. Entretanto, Ariano inova esta expressão teatral quando recorre a algo que diz respeito à modernidade. Isto nasce como a vontade de modificar a sociedade da qual Ariano faz parte. Esses aspectos se referem ao teatro moderno, citado por Bertolt Brecht, que corresponde ao universo em que os personagens vivem, marcados pelo poder da burguesia, que oprime os que vivem em condições econômicas desfavoráveis. Desta forma, essa peça possibilita uma amplitude maior e se diferencia do modelo estipulado por Aristóteles. Como explica Brecht (1957:57), uma peça dramática não-aristotélica é uma peça voltada aos princípios cênicos do teatro moderno proletário. Neste caso, quando Ariano Suassuna explicita o impacto do poder sobre as condições miseráveis de alguns personagens, sua peça aproxima-se do teatro moderno. A trama se desenvolve no momento em que o padeiro explora os dois empregados, Chicó e João Grilo, que recebem um tratamento pior do que o do cachorro dos patrões. M. Diegues Júnior (1960:86) salienta que, no século XIX, com o declínio do patriarcalismo, a burguesia foi instaurada no nordeste brasileiro. A partir deste momento, a vida no campo perdeu a imensa importância que detinha e a cidade resplandeceu como o espaço do comércio e das indústrias, consoante os ideais burgueses. Porém, no século XX, inúmeras transformações ocorreram no nordeste. Entretanto, alguns traços coloniais ainda persistem até a contemporaneidade, como, por exemplo, a arquitetura dos sobrados trazida pelo colonizador português, alguns costumes e outras

marcas culturais que muitas vezes são lembradas de uma forma equivocada e descaracterizada.

No campo, a Igreja e a política exercem grandes influências, assim como a figura do patrão ainda detém um papel primordial. Contudo, nesse meio rural, muitas injustiças persistem.

Ariano Suassuna registra em seus textos parte dessas desigualdades sociais. Sua obra é marcada também pelo contexto histórico e cultural dos movimentos de vanguarda e pela discussão acerca da classe marginalizada. Nesse sentido, Ariano apresenta uma proximidade com os escritores modernistas que rompiam com valores burgueses. Convém notar que alguns escritores desse período engajaram-se na militância política de matiz comunista.

A nova realidade literária modernista é também marcada pela intenção de conceber uma cultura nacional. Desta maneira, tal aspecto é também evidente na obra de Suassuna, autor que eleva a identidade nacional. Essa repercussão dos modernistas foi tão grande que mesmo os mais tradicionais compartilharam em alguns pontos com os paradigmas dos agitadores destes movimentos.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode constatar as representações da Identidade Cultural Nordestina estão reconstruídas na textura das obras *Morte e vida severina* e *Auto da Compadecida*, mas levando em consideração as teorias de Hall Stuart, no que diz respeito a identidade, sabe-se que esse processo também é variável e indefinido. Socialmente, estes textos podem se configurar como um dispositivo de investigação para que se possa entender a memória e a história do povo nordestino no Brasil e suas relações com outros povos, além deste fato, eles ainda constituem uma reflexão acerca dos contextos socios-culturais na vertente literária.

Segundo o crítico literário Terry Eagleton (2003: 22), os juízos de valor que constituem a literatura são historicamente variáveis, mas esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Assim, observa-se que os textos literários em questão estão repletos de sentimentos arraigados no seio de uma sociedade. Esses fatores, entre outros, são poderes, relações, costumes, características, inseridos no universo conotativo da linguagem, pelo jogo das implicações e das pressuposições, pelo campo estilístico e pelas estratégias dos argumentos do discurso. Desde modo, tais textos não só articulam as questões sociais e literárias, centrando interesses nas diferentes formas de representação, como buscam em textos produzidos os conflitos históricos de uma dada sociedade.

Essas obras, assim, renovam de maneira extraordinária as experiências tradicionais, as peregrinações, os sofrimentos e as lutas no âmbito nordestino onde Ariano Suassuna e João Cabral de Melo Neto através das obras em questão, retratam a realidade cultural e literária.

Percebe-se também que há intenção de registrar a situação do nordeste e não de enfatizar nenhuma espécie de fanatismo religioso. Com a publicação e divulgação dessas obras, a cultura nordestina tão aglutinada à cultura ibérica ganha visibilidade e corre menos risco de desaparecer.

Nesse sentido, o *Auto da Compadecida* e *Morte e Vida Severina* contribuem para refletir acerca do universo multicultural e, diversificado, cujas conexões são amplamente dinâmicas e possibilitam pensar em um mundo culturalmente mais significativo. Assim, estas peças vão além das fronteiras uma vez que constituem diálogos literários e conotações diversas.

Conforme o exposto percebe-se também que os intercâmbios culturais entre autores são traços da identidade. Nota-se que a leitura de obras literárias brasileiras é um canal para que se dimensionem as relações literárias que o Brasil possui com a Europa e, especialmente, com Portugal. Isso implica em reconhecer as obras dos autores de ambas as pátrias. Por isso, procurou-se estabelecer um caminho de leitura comparada entre as várias manifestações literárias e culturais que possibilitam refletir acerca de tópicos pertinentes à produção literária e às questões de identidades, que no nordeste são muito mais do que os costumes, tradição, língua, conceitos de nações. Mas uma essência em construção, visto que a identidade não é algo definido e acabado.

Assim, constata-se que a identidade do nordeste do Brasil é constituída especialmente pelas heranças recebidas. Esses materiais estão em *Morte e vida Severina* e *Auto- da- compadecida*, que sua vez apresentam também suas particularidades. Desta forma, enfatizou-se a importância dos vínculos entre Brasil e Portugal para a reconstrução e a ampliação de tessituras culturais e literárias e refletiu-se, portanto, acerca das representações e construções no horizonte das obras literárias supracitadas que tratam da realidade e da *identidade cultural* nordestina, na medida em que tais textos retratam, por meio da palavra burilada e da literatura, os hábitos, usos, falas argúcias, dilemas e redensões de um microcosmo específico.

## VI. Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Edições 70 Lisboa. Portugal. 2005
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez. 1996.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAGNO, Marcos. Erro sobre “erro”. Escala Educacional: 2007. *Discutindo língua Português*, São Paulo, n.1,v.1. p. 25, 2007.
- BRECHT, Bertolt. Estudos sobre teatro. Portugália Editora 1957.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CABO ASEGUINOLAZA, Fernando. *El concepto de género y la literatura picaresca*. Santiago de Compostela. Universidade .Servicio de Publicaciones e Intercambio Científico.1992
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CASTRO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Alfa 1999
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Petrópolis. Rio de Janeiro. Editora: vozes. 2008
- CRITÓVÃO, Fernando. *Da luzitanidade à Lusofonia*. Almedina.Coimbra.2008.
- CRESPO, Àngel. *Grabados populares del nordeste del Brasil*. Madrid. Servicio de Propaganda y Expansión Comercial de la Embajada del Brasil.1963.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*.Centro de pesquisas educacionais.1960
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Marins Fontes, 2003.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Critica*. São Paulo. Editora Cultrix.1957

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, P. & DREYFUS, H. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

JAUSS, Hans Robert. *A literatura como provocação*. Lisboa. Passagens. 2003.

LARRAÍN, Jorge. *Identity and Modernity in Latin America*. USA. Editorial Office. 1942

LEAL, João. *A antropologia Portuguesa entre 1870 a 1970: Um retrato de grupo*.

*Cultura popular e identidade Nacional*, Lisboa. Publicações D. Quixote. 2000

LIMA, Luis Costa *Lira e antilira*. Rio de Janeiro. Editora Topbooks. 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

MACHADO, Antonio, MACHADO, Manuel. *Antologia poética*. Madrid. Ediciones Cátedra. 2007.

MARAVAL, José António. *A cultura do barroco*. Lisboa. Coleção Estudo Geral Instituto Superior de Novas Profissões. Lisboa. 1997.

MARTELO, Rosa Maria. *Invenção poética e reflexão metapoética na obra de João Cabral de Melo Neto*. Lisboa- Fundação Eng. António de Almeida. 2000

MARTINS, Ricardo André Ferreira. *Tradição e ruptura: a lírica moderna de Nauro Machado*. Fundação Cultural do Maranhão. 2002

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa*. 1949.1980. Rio de Janeiro. Imprensa nacional. Casa da moeda. 1968

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.

NOGUEIRA, Goulart. *História breve do teatro*. Editorial verbo. 1964.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Editora Vozes 1971.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura* São Paulo: Brasiliense, 1996.



PRETTI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das letras. Brasil. 1995

SIMSON, Ingrid *América em España: Influencias, intereses, imagenes*. Madrid. Iberoamericana. Vervuert. 2007

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais de Poética*. Rio de Janeiro .Edições Tempo Brasileiro 1969.

STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

SUASSUNA, ariano. Olavo Bilac e Fernando pessoa: Uma presença em mensagem ? Lisboa. Arion Publicações. 1998.

SUASSUNA, Ariano. *O auto da Compadecida*. Rio de Janeiro; Agir Editora, 1927

\_\_\_\_\_. *Seleção em prosa e verso*. Rio de Janeiro: Editora Olímpio, 2007.

SUASSUNA, Ariano. Revista de língua portuguesa. *Um autor sem medo de adjetivos*. Editora Segmento. ano II número 21. 2007

TZVETAN, Todorov. *La conquista de America. O problema del outro*.

Espanha. Siglo Vientiuno Ediciones. 1987.

## INTERNET

Entrevista com Rosa Maria Martelo. Edição 20. Maio de 2008

[http //revista pequena morte.com](http://revista.pequena.morte.com). (10 de Setembro de 2009)

<http://imaginacaoativa.wordpress.com/category/literatura/> (29 de Março de 2010)

FREYRE, Gilberto. *Um escritor brasileiro recorda seus contactos com a Espanha*. In: [http//www.cultura-](http://www.cultura-) Brasília: Cultura - MEC, 1980.

FOLGH, Luisa Trias. A herança ibérica no *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna. In.[http.artifara.unito.it.n](http://artifara.unito.it.n),9 enero-diciembre.2009 (02 de janeiro de 2010).

LIRA, Renata Maldonado da Silva. *A cultura sob a ótica de Canclini*, [www.uff.br/ciberlegenda](http://www.uff.br/ciberlegenda).Número 07. 2002. (05 de junho de 2009)

ORTIZ, Carmem. *The Uses of Folklore by the Franco Regime*. The Journal of American Folklore. Antumm 1999.<http://www.jstor.org/stable/541485>

PEDROSA, Cleide Emilia Faye. *Dialogismo, aspecto constitutivo do discurso uma releitura de Bakhtin a partir de autores nacionais*.[Http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/06.htm](http://www.filologia.org.br/xicnlf/4/06.htm)

PINHEIRO, Suely Reis. *O Gótico na Obra Picaresca de Ariano Suassuna: o Tribunal Celeste de Auto da Compadecida*.Primera Revista Eletrónica de los Hispanistas de Brasil. <http://www.hispanista.com.br>. Acesso em : (10 de Junho de 2009)

Poeta João Cabral de Melo Neto. Homenageado da fundação Gulbenkian Paisagem tipográfica. Revista portuguesa de literatura. Colóquio/Letras da Fundação Calouste Gulbenkian.Número 157/158.2002.Revista.[www.net.parque.pt](http://www.net.parque.pt) (10 de Junho de 2009)

SANTIAGO, Lenise dos Santos. *JOÃO CABRAL DE MELO NETO: A estética do avesso*. Natal R/N. 2007 [Http://bdtd.bczm.ufrn.br](http://bdtd.bczm.ufrn.br). (02 de Março de 2010)

[http //www.cultura.art.br](http://www.cultura.art.br). (09 de Setembro de 2009)

SOUSA, Carlos Mendes. *Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector* Colóquio/Letras .número 157/158 .Lisboa .Julho-Dezembro. 2000. pp.283-289.Colóquio.gulbenkian.pt

## VII. Anexos

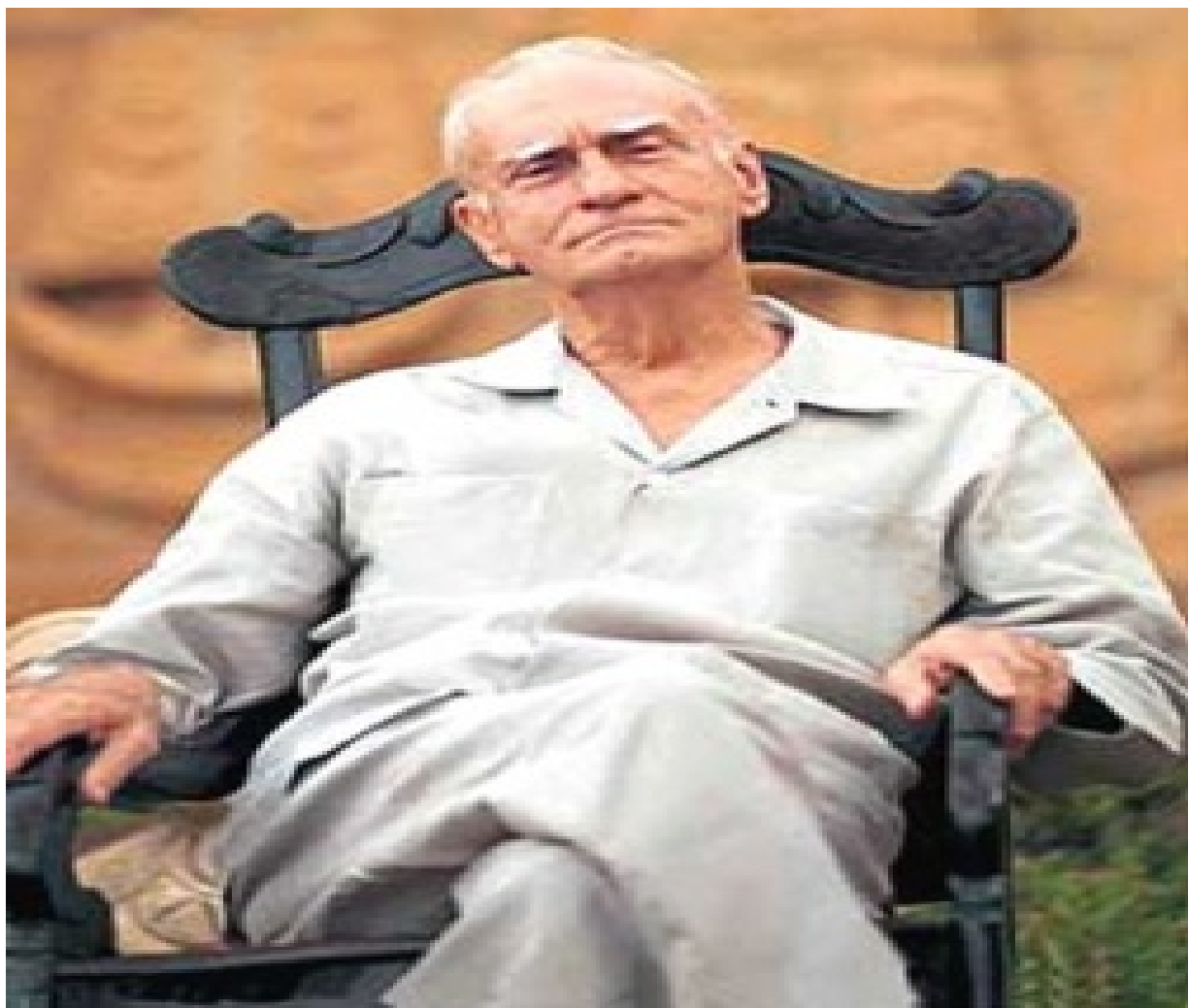
### Anexo A. Alguns elementos da cultura nordestina



## Anexo B. João Cabral Melo Neto



Anexo C. Ariano Suassuna<sup>26</sup>



---

<sup>26</sup> <http://imaginacaoativa.wordpress.com/category/literatura/> (29. 03. 2010)

**Anexo D. Obra Auto da Comparecida<sup>27</sup>**



---

<sup>27</sup> <http://imaginacaoativa.wordpress.com/category/literatura/> (29. 03. 2010)

## **Anexo E.**

### **João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna em Portugal**

#### **Questões relativas à edição e à impressão de textos**

Estes autores têm textos editados em vários países da Europa. Em Portugal, tais autores ainda são pouco estudados, pois, de uma maneira geral, os escritores brasileiros são pouco lidos nesse país. Há algumas exceções, como Machado de Assis e Guimarães Rosa, cujas obras já foram abordadas em teses e livros acadêmicos.

Apesar dos esforços de diversas editoras e outras entidades em organizar intercâmbios entre escritores, há vários autores cujos livros são ainda desconhecidos. Desse modo, são poucos os estudos mais aprofundados acerca de suas obras. Esta constatação é confirmada por meio de pesquisas feitas com editoras, fundações, bibliotecas, universidades e outras instituições. Por este motivo, pode-se concluir que as investigações e as discussões acerca das obras brasileiras em Portugal ainda carecem de maior amplitude, sobretudo quando se trata das obras contemporâneas. Quanto às obras contemporâneas portuguesas, pode-se afirmar que estas também são quase desconhecidas no Brasil. Desde os anos 70, grandes poetas contemporâneos são desconhecidos na maioria dos estados brasileiros.

Com relação a João Cabral de Melo Neto, averigua-se que este poeta é bem mais lido na terra de Fernando Pessoa que o também brasileiro Ariano Suassuna. Talvez o fato de João Cabral ter conhecido Portugal tenha contribuído, um pouco, para sua receptividade em Portugal. Contudo, o hermetismo presente em sua obra afasta muitos leitores que não estão acostumados com textos mais complexos.

O regionalismo presente nas obras destes autores é um dos motivos pelos quais seus textos são pouco lidos em Portugal. A falta de uma política voltada para a promoção de obras brasileiras, bem como de obras portuguesas no Brasil, também dificulta o conhecimento dos autores em questão.

## 2. João Cabral de Melo Neto em Portugal e em outros países europeus

Em Portugal, apesar da pouca divulgação das referidas obras, alguns ensaístas e professores fizeram abordagens interessantes sobre a obra cabralina. A professora Rosa Maria Martelo, da Faculdade do Porto, que escreveu alguns artigos e um livro (*Estrutura e Composição: invenção poética e reflexão metapoética na obra de João Cabral de Melo Neto*) aborda a poesia como elemento universal e, principalmente, observa a essência da reflexão metapoética na poesia de João Cabral. Este foi o primeiro livro a respeito do autor de *Morte e vida severina* publicado em Portugal.

Outro autor que se debruçou sobre a obra de João Cabral foi o professor e ensaísta Carlos Mendes de Sousa, da Faculdade do Minho. O estudioso publicou o artigo *Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector*.<sup>28</sup> Há, ainda, uma série de artigos publicados recentemente em Portugal. Um deles é de autoria de Manoel Simões, que nasceu em Jamprestes. Poeta e ensaísta, é também professor da Universidade Cà Foscari, de Veneza.

Oscar Lopes escreveu o prefácio do livro *Poesia completa*, de João Cabral. Neste prefácio acerca da obra do poeta brasileiro, Oscar Lopes desenvolve um importante comentário, no qual cita aspectos filosóficos e literários.

Nas suas edições de números 157-158, a revista portuguesa de Literatura *Colóquio/Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, homenageou o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto. O estudo publicado na revista e denominado *Paisagem tipográfica* foi lançado no dia 17 de julho de 2002, na embaixada brasileira em Lisboa, e contou com uma apresentação da professora Rosa Maria Martelo, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.<sup>29</sup>

A supracitada edição da *Colóquio/Letras* apresenta a obra de João Cabral de Melo Neto e propõe novas abordagens sobre sua poesia.

---

<sup>28</sup> Estrato extraído do site.colóquio.gulbenkian.pt

<sup>29</sup> Estrato extraído do site.www.netparque.pt



Há um livro de ilustrações, de Ángel Crespo, intitulado *Grabados populares del nordeste del Brasil* que foi publicado na revista da fundação que leva o mesmo nome do autor. Há também, neste mesmo livro, um prólogo de João Cabral de Melo Neto no qual o poeta discorre acerca da apreciação de um tipo de arte de um povo pouco valorizado. Neste prólogo, João Cabral propugna que o objetivo é ilustrar os folhetos de poesia popular, geralmente poemas narrativos tradicionais do nordeste do Brasil

Encontra-se ainda, na revista mencionada, uma coleção de poesias denominada *Quaderna*, lançada pela Quimarães Editores. São poemas de João Cabral publicados em 1960. Além disso, o desejo de manter conexão com a Europa favoreceu a receptividade dos textos de João Cabral na Espanha e em outros países do continente europeu.